

CURSO DE HOMEOPATIA UNICISTA – Vol. V

**Palestras proferidas pelo Prof. Dr. Alfonso Masi Elizalde
Presidente do Instituto Internacional de Altos Estudos Homeopáticos
James Tyler Kent – Buenos Aires, durante o
“ENCONTRO COM MASI ELIZALDE, no Rio de Janeiro, em Mar/2.000
Projeto “Homeopatia Sem Fronteiras”**

GEMASI – MAR/2022

Edição – Adelia Guedes e
Célia Regina Barollo

ENCONTRO COM MASI ELIZALDE

Mar/2000 – RIO DE JANEIRO

MATÉRIA MÉDICA

INTRODUÇÃO

Todos estes anos trabalhamos para aqueles que querem ser “pesquisadores” em Homeopatia, mas estes são a minoria. A maioria quer que lhe demos o peixe e não que lhe ensinemos a pescar. Este foi um erro estratégico; nem todos podem dedicar seu tempo a determinar os temas dos medicamentos; têm pessoas que querem os resultados, o resumo, para poderem utilizá-los na prática. É um erro relativo, porque aqueles que trabalham, têm contribuído muito. Porém, não podemos negar aos outros aquilo que temos achado, os que trabalhamos na pesquisa.

Há pouco enviaram da França, um caso clínico, importante para ser mencionado, porque vai diretamente ao ponto: temos que mudar nosso sistema de treinamento clínico, passar de vez do uso dos sintomas repertoriais para a escuta do paciente, quando fala do **gênio** de seu medicamento.

No caso em questão, o único que o médico faz é grifar no texto do paciente. “O difícil é...”, “porque o mais difícil é...”, “porque o duro...”, “aquilo mais difícil para mim...”. Nada disto aparece no repertório. Mas havia um medicamento cuja hipótese estava relacionada com esta problemática. O médico nada tinha a repertorizar: um paciente cujo *leitmotiv* é o “árduo”, o “difícil”, é **VERBASCUM**. O resultado foi extraordinário. Mas este médico passou de uma Homeopatia para outra Homeopatia. Esta é a maneira de tirar proveito do nosso trabalho.

Quando jovem, eu passava as noites repertorizando. Falava para meu pai, “Naquela paciente deu *Sepia*”. Mas meu pai respondia “Mas não tem o gênio de *Sepia*”. O que era o “gênio”? Os homeopatas mais velhos eram **intuitivos**, captavam algo por cima e por trás do fenomenológico. Se os sintomas estavam presentes, por que a prescrição não dava resultado? Porque havia uma outra coisa que fazia com que a sintomatologia ganhasse uma significação diferente? E era por essa outra coisa que devíamos prescrever.

É isso o que procuramos com todo este trabalho, o que os homeopatas antigos chamavam de “gênio”, e que em linguagem kantiana poderíamos chamar de **noúmeno** do medicamento, aquilo que domina, comanda, explica e determina o fenomenológico.

“Medo das tormentas” é a forma pessoal através da qual algumas pessoas expressam um sentimento muito profundo, mas que outras pessoas podem expressar de outra maneira. Aprendemos isto com esta nossa forma de trabalhar. Eu tenho todo o direito de prescrever *Mancinella* para uma pessoa que diga ter “medo das tormentas”, embora *Mancinella* não apareça na rubrica repertorial. Porque *Mancinella* tem a “sensação de estar possuída pelo demônio”, que é analógico de “medo das tormentas”. O experimentador sensível a *Phosphorus*, que expressou claramente “medo das tormentas”, queria dizer que tem medo da possessão demoníaca, mais claramente expressado por *Mancinella*. E nós ficamos presos ao fenômeno exato! É isto o que a metodologia de nosso trabalho nos permitiu compreender.

Mas, por outro lado, este trabalho só está começando. Agora vem a parte mais importante de nosso trabalho. Até aqui, entendemos o problema de *Mancinella* através de vários experimentadores, e graças ao esquema referencial, chegamos à compreensão da enfermidade única, ou pessoal, à compreensão do drama verdadeiro do paciente de *Mancinella*. O que temos que estudar agora é como se apresenta este mesmo drama em outras pessoas, que vão expressá-lo de maneiras diferentes. Este é o futuro de nosso trabalho. No exemplo do “difícil”: o paciente está problematizado com a questão do “difícil”. É **VERBASCUM**. Mesmo que não tenha sintoma algum de *Verbascum*, pois esse é o **gênio** do medicamento.

Temos uma metodologia que nos permite chegar a esta conclusão. Antes não tínhamos, estávamos nos fenômenos, “medo das tormentas”. Só os medicamentos que apareciam na rubrica, porque os experimentadores o enunciaram explicitamente. Mas com nosso trabalho, sabemos que temos que procurar pelas analogias de “medo das tormentas”. Esta é a chave, mesmo acabando com a maneira tradicional de trabalhar. Isto nos permite ver mudanças quase “milagrosas” nos casos clínicos, acompanhadas de mudanças na atitude existencial do sujeito, que é a enfermidade individual, dando razão para aquilo que Hahnemann dizia a respeito de que “assiste-se a um novo nascimento”. Não eram meras frases, ele tinha visto isto acontecer de fato, nós só o vemos agora.

E uma outra coisa, não só o conhecimento analítico etc., mas o conhecimento **real** do que é a enfermidade miasmática, o momento miasmático, que muda nossa compreensão do sintoma. Durante muitos anos, tentamos curar todos os pacientes ditatoriais com algum dos 17 medicamentos que aparecem na rubrica “Ditatorial”; mas não é o sintoma de uma pessoa, é sintoma de uma **atitude!** A Matéria Médica toda pode ser ditatorial, mas com **objetivos diferentes**. O que procura obter com sua ditatorialidade? O fato de ser um ditador, não o obriga a corresponder a algum dos 17 medicamentos. Pois não é um sintoma do paciente, senão de uma atitude miasmática.

Portanto, já temos avançado muito com esta revisão crítica da Homeopatia. Não é importante que seja ditador de “maneira marcada”, o que devo procurar saber é **o que procura** com sua ditatorialidade, qual o objetivo de ser um ditador. “Quero que os demais sejam eficazes em seu trabalho”: *Arnica*. Todos os medicamentos, na etapa terciária da Psora, podem ser ditadores. O que temos que buscar é o motivo, o por quê.

MEDICAMENTOS ESTUDADOS

Acon, Aloe, Alum (em Caust), Am-c, Anac, Arg-n, Arn, Ars, Ast, Aur, Bry, Calc, Calc-p. Calc-s, Camph, Carb-v, Caust, Cham, Chin, Cic, Con, Cupr, Cycl, Dig, Dros, Ferr, Fl-a, Gels, Graph, Ham (em Lach), Hep, Ign, Iod, Lach, Lyc, Mag-s, Meny, Merc, Naja, Nat-c, Nat-m, Nux-v, Olnd, Op, Pall, Phos, Plat, Psor, Puls, Rhus, Sep, Sil, Staph, Sulph, Verat

Nota: Assinalamos com **DM**, os locais onde o texto trata de Dinâmica Miasmática, em *Asterias e Menyanthes*

ACONITUM NAPELLUS

Embora sua sintomatologia seja tóxica, há um princípio de hipótese. Impressão de ter-se recusado a entrar no mundo porque está cheio de perigos. **O mundo é um lugar perigoso**, aonde *Aconitum* **não quer entrar**, ou não quer que outros entrem. Daí vem seu “medo do parto”. Mas aqui temos novamente o problema das intoxicações. Que está agravado, porque na Enciclopédia de Allen não está descrito como foi feita a experimentação.

Porém, podemos “salvar” muitas substâncias tóxicas. Isto acontece quando vemos sintomatologia idiossincrásica, sintomas mentais repetidos em diversas intoxicações, como no caso de *Kali-bromatum*, que não tem patogenesia com dinamizações, sendo todos casos de intoxicação, pois na época usava-se como hoje à aspirina. Há grandes temas compartilhados por vários intoxicados. O mesmo vale para o caso de *Camphora*. A presença de alguns poucos intoxicados que compartilham sintomas de valor idiossincrásico. Isto também pode ser visto nas patogenesias mistas – parte, intoxicação; parte, dinamização – em que algum experimentador mostra sintomas a partir de uma dinamização, que se repetem em algum dos intoxicados.

ALOE SOCOTRINA

Não sei se cheguei à compreensão por uma metodologia estrita, ou através de um “salto metodológico”. Comecei a estudar *Aloe*, quando estava convencido que a afetação somática de qualquer medicamento tem relação simbólica com a problemática metafísica. Estava obcecado com as hemorroidas de *Aloe*. Por que tem hemorroidas? Daí o salto na Metodologia. Há quatro povos que foram castigados com hemorroidas, só lembro o nome de um deles, Asoto. Na Matéria

Médica, e na história, o castigo Divino não é caprichoso. Se eu pequei com meu sentido do gosto, Deus não me castiga fazendo que eu perca o gosto, eu sou o culpado pela perda do gosto, eu perdi minha capacidade humana de gostar. Tem que haver um por que lógico para que estas quatro cidades fossem castigadas no “lugar mais secreto de suas nádegas”, pelo qual, tiveram que passar meses sentados em cima de couro de cordeiros, por causa da dor.

Qual foi o pecado? Uma das condições para a cura foi ter que esculpir hemorróidas em ouro e colocá-las na Arca da Aliança, antes de devolvê-la para os judeus. Pois o pecado foi roubar a Arca da Aliança dos judeus. Isto não esclarecia coisa alguma. O que tinha a ver a Arca da Aliança com as hemorróidas? A Arca é um continente. Qual era o conteúdo? A vara de Moisés, os fragmentos das Tábuas da Lei quebradas e maná. O maná era o alimento com o qual Deus presenteava Seu povo escolhido; só eles podiam digeri-lo. Daí as hemorróidas, tinham comido algo que não podiam digerir.

Com esta hipótese, voltei para a sintomatologia para ver como *Aloe* consegue suas hemorroidas; porque no nível mental “quer introduzir em si alimentos que não pode digerir”. Uma pessoa, com ou sem hemorróidas que, em seu discurso, diz que nunca pode cumprir o velho ditado de Isaías: “Foge daquilo que te excede”. Temos que imaginar como nos consulta um paciente *Aloe* sem hemorróidas, ou que nos consulta por outra patologia. Vai estar obcecado por conhecer coisas que estão além de sua capacidade, “engolir” coisas indigeríveis para ele, no nível mental e no nível somático.

Pergunta: A incontinência de *Aloe*?

PERGUNTA: A INCONTINÊNCIA DE *ALOE*? RESPOSTA: INFELIZMENTE, AS PATOGENESIAS NÃO FORAM FEITAS COM ESTE CRITÉRIO, E MUITAS COISAS FORAM POSTAS DE LADO. COLOCAM “EJACULAÇÃO PRECOCE”, MAS NÃO APROFUNDAM NA SEXUALIDADE DO EXPERIMENTADOR.

***AMMONIUM CARBONICUM* (VER *ASTERIAS*)**

O mais chamativo em *Am-c* é que “fala o que não deve falar, e não pode falar o que quer falar”. Pela antropologia tomista, sabemos que tem que dizer exatamente o mesmo em outros sistemas e órgãos. E no nível digestivo, encontramos “elimina o que deveria reter, e retém o que deveria eliminar”. E o mesmo na sexualidade: “desejo violento sem ereção e ereção violenta sem desejo”.

Pergunta: A obstrução nasal?

Resposta: O importante é: uma vez estabelecida a hipótese, procurar sua confirmação, neste caso, no nível nasal. A obstrução nasal, o trava em quê? Em sua capacidade de falar claramente, não pode se expressar bem. A obstrução nasal trava-o em sua expressão.

Pergunta: A sujeira? Não gosta de tomar banho?

Resposta: É a mesma coisa, tudo é uma coisa só. Para onde nos leva? Os sintomas mentais, sua sexualidade, seus problemas digestivos, o mostram? O que perdeu *Am-c*? Sua capacidade de **arbítrio**. Arbítrio: que depende só da vontade: arbitrar, parecer, opinar.

A sintomatologia dá a impressão de que *Am-c* não pode, está travado, em sua capacidade para chegar a uma boa conclusão, necessária para ser um bom árbitro, e não “porque sim”. Se eu utilizar minha capacidade de arbitrar para ceder a meus preconceitos, não serei um bom árbitro. Uma outra aceção é “senhor absoluto, soberano”. Privado do bom arbítrio, não pode falar o que corresponde. Podemos esquecer o relato textual do paciente, e determinar seu discurso segundo o momento miasmático. Em Psora Secundária, tem medo de não poder decidir corretamente o que deve fazer. Na egotrofia, vai ser um arbitrário. Podemos acrescentar *Am-c* na rubrica “caprichoso”, “isto vai ser feito desta maneira, porque sou eu quem falo, eu, o árbitro”. Um caprichoso!

Na Psora Secundária, o oposto: nunca tem certeza naquilo que arbitra. E tem o sintoma clássico: “Fala o que não deve, e não fala o que deve”, e do ponto de vista somático, “elimina o que não deve e retém o que deve eliminar”. É uma coisa só. Acabou o repertório.

Pergunta: E a sujeira?

Resposta: Porque não pode fazer o que corresponde. É sujo porque deveria ser limpo, mas não pode fazê-lo pois está travado em seu arbítrio. Tudo é arbítrio.

Além deste grande tema, aparece em *Am-c* um outro termo muito especial, também apresentado por *Arsenicum*. É o tema do **segredo**. Portanto, o problema do arbítrio, está sob o matiz específico do segredo. Eu posso “dizer o que não devo, e calar o que devo falar” sem tratar-se de um segredo. Mas em *Am-c*, está o tema do segredo, e tem que ter um vínculo com o tema do arbítrio. Pensei, “Que segredo há na vida, na história do homem?”. Procurei, e achei um segredo: O homem não pode saber se está condenado ou se vai salvar-se. A **predestinação**. Tem pessoas que vão salvar-se mesmo pecando, e tem pessoas que não serão salvas, mesmo sem pecar.

A predestinação une os dois grandes temas de *Am-c*. E é uma manifestação do **arbítrio Divino**: “Fulano vai salvar-se porque **Eu quero**”. O “capricho” de Deus. No mais alto nível metafísico, aparece a confirmação da hipótese. Um problema é que, quando chegam neste ponto, os grupos de estudo parecem “cansados”, e não fazem a parte mais criativa do trabalho. A tarefa agora é determinar quais são as outras formas possíveis para expressar o problema do arbítrio no ser humano. As imagens deduzidas através da compreensão da enfermidade única miasmática permitem saber como esta problemática será expressa na egotrofia, na egolise, na alterlise.

Um outro problema, é que chegando ao nível metafísico ou religioso, os autores não estudam mais, inventam, utilizam seus conhecimentos anteriores. Por exemplo, no repertório de Guy Loutan diz que: “*Am-c* foi contar para a cobra, um segredo que o unia a Deus, o que permitiu

à cobra convencê-lo a pecar”. Está completamente fora da realidade! Nada tem a ver com a sintomatologia, é uma invenção! Não há nem cobra, nem segredo da cobra; o que devia dizer era em que consiste, exatamente, o arbítrio, qual é o uso normal do arbítrio, o que pode ter invejado de Deus, uma pessoa que tem o arbítrio como tema. O resto é literatura e nos confunde, e vamos procurar o segredo que liga a cobra a Deus. E no final, termina dizendo que “... a água, que o lembra da aliança”. Eu nada sei disto, é literatura, uma invenção. Para uma pessoa que, numa regata, não saber manejar as velas, vou prescrever *Am-c*? Não! E o pior de tudo é que escreve que “esta hipótese é assinada por Masi Elizalde”. Eu nunca falei isto, eu só falei do segredo e da predestinação, não desta união arbitrária.

Por isto é que eu sou tão estrito na aplicação da famosa “regra de ouro”, aquela de “se sofre disto, é porque pecou contra isto”. Primeiro temos que ver quais são todas as possibilidades. Se está lesado na motricidade dos membros inferiores, é porque pecou contra... Momento! Para que serve a motricidade? Só para ir até o objeto desejado? Não! Devemos esgotar todo o conhecimento possível, a respeito do por que e para quê da motricidade. Estamos começando o terceiro tempo. O primeiro tempo foi conhecer a enfermidade miasmática. O segundo tempo foi entender que os sintomas devem ser tomados em todas suas possibilidades analógicas, com todos seus significados. O terceiro tempo é nunca afirmar algo como se fosse a única possibilidade do medicamento. Temos que abrir o leque todo.

ANACARDIUM ORIENTALE

Anacardium é um exemplo vivo do problema maniqueísta: ter que optar entre uma coisa boa e outra má. Por isso tem um anjo num ombro e um demônio no outro, que lhe falam coisas contrárias. Sem chegar a esta alucinação, se encontrarmos um **indeciso**, que não pode decidir a respeito do valor da coisa considerada, se é **boa ou má**, prescrevemos *Anacardium*, embora não apresente sintoma repertorial algum.

Um exemplo era uma paciente cuja temática era “Agi bem ou agi mal?”. Uma vez chegou do mercado e comentou “No mercado estava Fulano e não me cumprimentou” “E daí?” “É que ele não me viu”. “Qual o problema?” “Que penso se eu não deveria tê-lo cumprimentado” “E por que não o fez?” “Porque ele poderia pensar que eu o cumprimentava para que ele me convidasse para o baile” “Então você agiu bem” “Mas se ele ficou sabendo mais tarde que eu estive no mercado e não o cumprimentei? Agi bem ou agi mal?” Era assim com tudo. “Você acha que devo tomar suco de laranja pela manhã?” “Sim, é muito bom” “Mas dá gases” “Então não beba”, “Mas eu sou constipada, o suco de laranja pode ajudar” “Beba” “E os gases?”

Anacardium não tem dúvida na escolha de dois objetos similares, ou este ou aquele, senão que não pode determinar o valor de um objeto só, não sabe se é bom ou mau. Daí o maniqueísmo. O corpo é mau e a alma é boa, não sabe por qual inclinar-se, pois as tendências do corpo são atrativas. Estudando o fruto, a divisão entre o bem e o mal coincide. O caroço e a carne do fruto

falam de uma oposição deste tipo. Nossa forma de trabalhar permite o conhecimento dos segredos da natureza, nos poupa o trabalho da abstração para compreendermos a mensagem encerrada em cada elemento da natureza. Toda substância natural, além de sua função utilitária como alimento, etc., esconde uma mensagem, que consiste num aspecto da perfeição Divina, que os seres humanos precisam abstrair.

Pergunta: Egotrofia?

Resposta: Vai procurar demonstrar que é puro espírito, que não está amarrado à carne, às misérias da carne. O problema de *Anacardium* é aceitar que, para ser um ser humano, tem que ter matéria. Recusou-se a isto, na egotrofia vai mostrar que não padece daquela desagradável mistura de espírito e corpo.

Pergunta: E sua violência, sua crueldade?

Resposta: Teria que ter detalhes dessa crueldade, do objetivo dessa crueldade. O mesmo problema o temos, quando queremos classificar miasmaticamente os problemas sexuais. Precisamos saber se o sujeito está usando o outro como objeto de seu prazer, sem preocupar-se com os sentimentos do outro. Isso é egotrofia. Se para sentir prazer precisa fazer sofrer o outro, é alterlise. O sado-masoquista é um egolítico ou um alterlítico.

ARGENTUM NITRICUM

O grande tema de *Arg-n* é o **tempo**. Na Psora Secundária, sofre pelo tempo, pela antecipação. Ansiedade, angústia, diarreia quando tem algo para fazer. E ao mesmo tempo um sintoma paradoxal: apesar do sofrimento por antecipação, *Arg-n* quer chegar ao compromisso; esse “querer chegar” é parte de sua problemática. Mas chegar lhe faz mal, se chegar ao compromisso, algo de ruim vai-lhe acontecer. Tem medo de chegar, mas quer chegar; daí a presa, falta-lhe o tempo.

Como explicar? Estudando o problema do “tempo” no homem. Temos noção do tempo pela sucessão de atos, a passagem da potência para o ato. É isso o que rejeita *Arg-n*, o ter que fazer coisas, ter que passar da potência para o ato. As atitudes reativas terciárias levam a marca de serem más defesas. Se fossem boas, seriam curativas, no lugar de serem o início da patologia. Eu “acredito” que o caminho para resolver minha angústia é tal ou qual; e quando chego a ser um bom egotrófico, há algo que me frustra, me demonstra que é patológico que é uma má atitude, que não é o caminho a seguir. Grandes pensadores concluíram o mesmo, sem conhecer Homeopatia. Pascal disse que na enfermidade, temos que aprender a reconhecer o caminho para nossa cura.

Arg-n quer chegar ao compromisso, mas ao mesmo tempo sabe, inconscientemente, que o compromisso é ruim para ele. O que é um “compromisso”? Um *rendez-vous*, uma **parada no tempo**. Deter o tempo lhe faz mal. Temos, então, que estudar o tempo. Qual é a alternativa para o tempo? Adão era imortal, mas a imortalidade inclui a noção do tempo. Adão tinha que passar da potência para o ato, não estava em ato puro. O que *Arg-n* recusou foi a condição da **imortalidade**,

porque inclui a noção do tempo, a passagem da potência para o ato. O que invejou foi a **eternidade** Divina, que não tem a noção do tempo, porque Deus é Ato puro, Ato permanente, não há noção de transcurso, de passagem da potência para o ato, de tempo. *Arg-n* almejou a “condição” de Ato puro que traz a eternidade.

Na patogenesia, vemos a outra atitude quando, no lugar de querer impor-se egotroficamente e ganhar do tempo, chegar no compromisso, chegar na parada do tempo – o estereótipo de *Arg-n* é “*toujours pressé*”- “o tempo transcorre muito lentamente”. Quando se entrega, quando diz que não pode vencer o tempo, o tempo vira uma dimensão enorme que não pode dominar, o tempo ganha dele.

Na Psora Secundária, temos a ansiedade por antecipação, o medo de não chegar, o medo do tempo. Na egotrofia, chega, ou esforça-se por chegar, mas isto lhe faz mal, quer impor-se ao tempo, ganhar dele. Na egolise, o tempo venceu, tem uma duração interminável, não pode ganhar desta dimensão imensa. Não faz nada, para quê? Passar da potência para o ato reforça a enorme dimensão do tempo. É um “*Arg-n* lento”, diferente do estereótipo “apressado”. Desprezou a condição de imortalidade, pois foi pouca coisa para ele uma imortalidade baseada no fazer e no trabalho. Para chegar a uma perfeição, há uma tarefa para se realizar. *Arg-n* não quer isso, quer estar em ato puro, tendo tudo quanto devia ter.

ARNICA MONTANA

Por um lado, a noção da **vulnerabilidade**. Mas com um matiz: não é uma vulnerabilidade qualquer, mas especificamente ao **traumatismo, ao meio exterior hostil**. A possibilidade de cair na escada, ser atropelado por um ônibus, de que batam nele. É vulnerável ao meio externo, hostil e traumatizante. O outro grande tema é sua **incapacidade para trabalhar**. Ele é o grande trabalhador, o mais eficiente, exige que os outros sejam trabalhadores eficientes, é um ditador para que todos trabalhem bem. Ele que ensina e os conduz pelo caminho do trabalho eficiente. Como unir “trabalho” e “vulnerabilidade”?

Temos uma ideia “poética” a respeito da invulnerabilidade. Achamos que é um dom preternatural, um presente da graça de Deus. S. Tomás diz que isto não é assim. Temos o dom preternatural pela graça de Deus, mas Deus mobilizava potencialidades latentes em nós. Por que o homem era invulnerável? Porque, pela graça de Deus, tinha plenamente perfeitos seu entendimento e sua vontade, que faziam que soubesse evitar a batida contra os elementos traumatizantes. O presente de Deus não era que Adão não batesse contra as árvores e, se batesse, que nada lhe acontecia. Não, a possibilidade existia, mas Deus dava-lhe a graça de ter sua inteligência em plenitude e, então, Adão sabia que não tinha que jogar-se contra as árvores, porque iria machucar-se.

Arnica vê isto como uma ineficiência Divina. “Deus poderia ter me dado a invulnerabilidade para que eu não tivesse que realizar o trabalho mental de estudar esta árvore porque pode machucar-me”. *Arnica* não quis fazer este trabalho de reflexão, a respeito das coisas potencialmente nocivas. Aqui está a ligação entre “trabalho” e “vulnerabilidade”. No **núcleo da justificativa**, diz que não é que não queira trabalhar, é que há algo que lhe impede de trabalhar, algo acima de sua vontade.

Todos os casos nos quais prescrevi *Arnica* pelo tema do trabalho com fracasso, foram por ter prescrito por só um dos grandes temas. Têm que estar presentes os dois. O “medo das enfermidades” que aparece no repertório, é específico: medo do **traumatismo**. Sofrer uma enfermidade de origem traumática.

Os tomistas me acusam de dizer que a *vis medicatrix* é o resto que nos ficou de nossa antiga condição de invulnerabilidade, de imunidade. Eu nunca falei isto. Deus trabalha com as causas segundas, encomendando-lhes sua função. Sou invulnerável porque Deus, com sua graça, permite que eu tenha em pleno funcionamento os instrumentos que me permitem a **mim** lograr a invulnerabilidade. A invulnerabilidade deve-se à graça de Deus, que permite que eu tenha em plenitude, minha capacidade para refletir, por isso não batia contra as árvores. Isto valia para Adão antes do pecado. E quando dormia, perdia o estado de alerta e Deus o protegia.

ARSENICUM ALBUM (VER AURUM)

O grande tema de *Arsenicum* é a **responsabilidade**, especificamente, o respeito à **ordem** e à **lei**. É tão responsável que tem a ilusão de ver alguém sendo enforcado, como castigo por um erro. Corre para salvá-lo, não consegue e a seguir quem está pendurado da corda é ele. O outro cometeu sua falta porque *Arsenicum* falhou em guiá-lo, ensiná-lo. Sua responsabilidade era mostrar a lei aos outros. Estudei “lei e ordem”. S. Tomás diz que para cumprir com o que devemos, para irmos pelo caminho da bem-aventurança, Deus nos deu a **lei**, que nos permite conhecer a ordem correspondente e, em segundo lugar, a **graça**, sem a qual o homem caído não pode cumprir a lei.

Se a hipótese fosse correta, a sintomatologia deveria falar do sofrimento pela perda da graça, pois a lei não pode estar separada do elemento dado para seu cumprimento. E em *Arsenicum* encontramos: “des-graça-do”, “desesperado”, “condenado”, alguém privado da graça de Deus. Qual o pecado mais importante? A **lei** e a **ordem**? Ou seja, a rebelião contra a Providência Divina? Porque a lei e a ordem se cumprem pela Providência Divina, ou a **graça**? O que rejeitou *Arsenicum*? O que *Arsenicum* rejeitou é a incapacidade humana para poder cumprir a lei sem a ajuda da graça. Quis independizar-se da ajuda Divina, não aceitou que não podia cumprir por si mesmo a lei e a ordem.

Pergunta: O que é a “graça”?

Resposta: É a salvação que não podemos conseguir por nós mesmos. Ou seja, “Homem, se não aceitas a mão de Deus, estás perdido, não sejas orgulhoso e acredites que podes fazer as coisas por ti mesmo”.

Pergunta: Graça é o mesmo que dom?

Resposta: A graça é um dom que nós, por nosso livre arbítrio, podemos rejeitar.

Estudei a sintomatologia à luz desta hipótese, para que o “gênio” ficasse absolutamente claro. Vocês podem prescrever, além de toda sintomatologia, quando acharem aquela coisa única, a rejeição da graça. Porém, com a especificação de que, para cumprir com a lei e a ordem, eu não preciso de ajuda alguma, sou eu quem entende a lei, eu posso cumpri-la sem ajuda da graça.

Pergunta: Como fazer na prática?

Resposta: É muito simples. Não temos que aguardar que *Arsenicum* apareça em seu estado de sofrimento pela desordem, nem pela sensação de responsabilidade porque os outros não guardam a ordem. Há algo anterior: a graça. Sente-se desgraçado, que ninguém o ajuda, que não tem o apoio que outros têm, “extra-natural”, acima de suas forças. É um *Arsenicum* diferente do tradicional, que consulta pela questão da ordem, que tem que arrumar o quadro direitinho na parede. É um desgraçado, na Psora Secundária. Na egotrofia, “posso fazer o quiser, porque Deus me ajuda, ou porque não preciso de ajuda para fazer o que devo, ninguém me vai ensinar como defender a lei, eu sei como fazer”.

Pergunta: inaudível

Resposta: É fácil diagnosticar o *Arsenicum* “clássico”! Quando comecei minha revisão crítica, coloquei “não admito que a única maneira para se prescrever *Arsenicum* seja quando se chegar no quarto e encontrar um indivíduo agonizante, com mau cheiro, os sintomas clássicos. Eu quero prescrever *Arsenicum* para um jovem de 15 anos, fisicamente sadio, mas que é *Arsenicum* no miasmático, para que não chegue àquele estado”.

Pergunta: Mas é difícil identificar *Arsenicum*.

Resposta: devem identificá-lo pelos sintomas mais profundos e primitivos, antes que apresente o quadro clássico, aquelas sensações de desproteção, sem motivo algum.

Pergunta: Mas sentir-se sem ajuda é uma sensação psórica comum, como a expressa *Arsenicum*?

Resposta: Não é questão de generalizar. O psórico secundário sente-se desprotegido, vulnerável etc . Devemos procurar em qual sentido está desprotegido. *Arsenicum* sente que ninguém lhe estende uma mão, que falta alguém ou algo que possa dar-lhe o que lhe falta para solucionar o problema.

ASTERIAS RUBENS

Asterias parece estar lesado num aspecto fisiológico do ser humano, o aspecto irascível, **a capacidade de lutar por aquilo que queremos obter**, o objeto da faculdade concupiscível. Ou seja, eu desejo tal objeto, mas há obstáculos; a faculdade irascível é a capacidade de combater contra os obstáculos que impedem a obtenção do bem apontado pela concupiscível. É isto o que *Asterias* não

pode fazer, excetuando uns poucos momentos, nos que reage com uma explosão de violência muito grande, é incapaz de zangar-se, não consegue lutar. Podemos supor que *Asterias* desprezou sua condição humana de ter que defender-se, achou que era pouca coisa ter que lutar para obter o que deseja. Deus não tem irascível, pois não há obstáculos para Ele.

Estudando a substância, *Asterias* tem o esqueleto externo. Isto mostra que quer ser intocável pelos problemas externos, não chegam até ela, tem uma couraça, nada pode afetá-la. O estudo do animal, da planta, do mineral, confirma a hipótese. À substância acontece o mesmo que a seu experimentador sensível. *Asterias rubens* tem uma grande dificuldade para manejar sua cólera, parece estar impedido de ficar zangado. Isto é patológico, pois quando o objeto da cólera é racional, está justificada. *Asterias rubens* é um equinodermo, um animal que tem o esqueleto por fora, que o protege do exterior.

Na egotrofia, temos o exagero da couraça: “Nada me atinge, nada me comove, não tenho perigos, nada põe em perigo minha integridade. Tenho o que quero sem necessidade de combater”. Na Psora Secundária, tem uma consciência exagerada dos perigos, da necessidade de lutar, de defender-se, vê motivos para briga onde não há.

Pergunta: Como aparece na sintomatologia orgânica?

Resposta: Não lembro. Vocês têm que procurar na Matéria Médica, à luz desta hipótese. Já fizemos o estudo de *Asterias*, e chegamos a uma hipótese satisfatória, temos o gênio de *Asterias*, a impossibilidade para utilizar a irascível, a falta de necessidade da irascível, pois é inatingível pelo perigo exterior, não há obstáculos, tem de tudo, não precisa lutar por nada. Agora é necessário realizar o caminho inverso: ir da hipótese para a sintomatologia, que vocês devem fazer. Mas podem estar certos que a sintomatologia confirma a hipótese.

Só podemos compreender a linguagem corporal quando já entendemos a dinâmica do medicamento, que se manifesta no somático com sua linguagem própria. Nós não compreendemos a linguagem dos órgãos, só a compreendemos quando iluminados pela hipótese. Esta metodologia ainda permite compreender aspectos do inconsciente coletivo, do conhecimento popular intuitivo. Por exemplo, *Amonium carbonicum* tem o sintoma “a boca enche-se de água”. Quando falam um segredo para alguém, os italianos dizem “*aqua en bocca*”. Este afluxo de água para a boca lembra a *Am-c* que tem que guardar o segredo.

Asterias, na egotrofia, no lugar de não poder usar a irascível, a usa de maneira exagerada, procura demonstrar sua grande capacidade irascível. Poderia dar a impressão de alterlise, mas é egotrofia: procura demonstrar que tem muito daquilo que perdeu na Psora Secundária. O importante é detectar a problemática na irascível e após, deduzir o que possa a vir apresentar quando manifeste a perda da irascível, o exagero da irascível, etc.

DM

Pergunta: Como se explica que uma pessoa possa estar em Psora secundária e apresente câncer?

Resposta: Porque não deixou de ser egotrófico, ele quer continuar sendo egotrófico, porém o meio não lhe permite, é um egotrófico frustrado por algo superior a ele. Quer ser rico, mas a política do governo não lhe permite, então sofre porque já não pode realizar seu ideal egotrófico, não é sofrimento psórico secundário. Ficamos confusos porque vai manifestar seus velhos sintomas primários. Como somos um composto substancial, se não pudermos triunfar com a egotrofia no nível superior, a manifestaremos no fígado ou no pulmão. Pois não estamos curados, só deslocamos a egotrofia. Se não posso ser rico, serei canceroso, porque ainda sou egotrófico. Se não posso manifestar minha egotrofia em minha relação com o meio, a manifestarei no corpo.

Pergunta: *Asterias* e câncer de mama?

Resposta: Temos que estudar o que significa a mama na simbologia, na fisiologia, etc.

AURUM METALLICUM

É um outro medicamento que precisamos estudar de novo. A imagem que temos é bastante satisfatória, mas não explica todos os aspectos sintomatológicos. *Aurum* tem a ver com o Sol, com tudo quanto o Sol significa. Daí seu grande **sentido de responsabilidade com os outros** e seu grande sentimento de **culpa**. Eu prescrevi *Aurum*, com bom resultado, por estes dois temas: responsabilidade com os outros e culpabilidade, sente-se culpado de tudo.

Isto traz o diagnóstico diferencial com *Arsenicum*, que tem a responsabilidade pelo governo. Mas *Arsenicum* recusou a graça de Deus, não precisa da ajuda de Deus. Isto não é assim em *Aurum*, mas não sei como é. A hipótese foi realizada quando estávamos na evolução do conhecimento da enfermidade, da metafísica, da simbologia. Há medicamentos que estudamos muitos anos atrás, e devem ser reestudados à luz do que sabemos agora. Mas o problema de *Aurum* é sentir-se responsável pelos outros; por que se sente responsável, é o que eu quisera saber com um novo estudo. E se algo [de errado] acontece aos outros, é culpa dele. É culpado de tudo. “Chove por minha culpa, não chove por minha culpa”. Uma forma para se conhecer *Aurum* é lendo o assunto “Sol” na simbologia.

Na egotrofia, vai negar seu sentimento de culpa, demonstrar que ele faz tudo de maneira perfeita. Na egolise, se entrega, até o suicídio. “Não posso, não posso, sou culpado de tudo”. E se mata.

BRYONIA ALBA E CALCAREA OSTREARUM

Bryonia tem terror pelo que o **futuro** vai lhe trazer. Tudo é ruim, tudo quanto virá é fracasso, frustração, e nada pode proteger contra isto. Por isso, tem que obtê-lo por si mesma. Não se conforma com os lírios do campo que Deus provê, é ela quem tem que prover. A diferença com *Calcarea*, é que em *Bryonia* a referência é especificamente a respeito da **segurança econômica**, a

pobreza. *Calcarea* tem a problemática referida a sua **saúde**. Ambas compartilham a descrença numa proteção acima de suas forças. É *Calcarea* quem tem que prover para sua saúde. É por isso que lê livros de medicina sem ser médico. Não confia que o médico possa prever o que possa acontecer com sua saúde, então estuda medicina.

Prescrevi *Bryonia* com sucesso, sem necessidade de repertorizar, num quadro de pneumonia num homem de 65 anos, obcecado pelo medo a ser roubado. A porta de sua casa tinha três fechaduras, tinha colocado grades. As vizinhas diziam que sua casa parecia uma cadeia. Sua profissão: agente de seguros. Ainda não consegui estabelecer o matiz exato de *Bryonia*. Achar o atributo Divino invejado é fácil, mas há muitos medicamentos cuja problemática é a **Providência Divina**. Temos que achar o aspecto específico da Providência para cada medicamento, para não ficarmos na providência em geral.

Dá a impressão que *Calcarea* acha que Deus é providente porque sabe o que vai acontecer, conhece o futuro porque para Ele o futuro é presente. Então sabe quais são as medidas que devem ser tomadas. Por isso, na egotrofia, *Calcarea* chega a ser clarividente. Faz tanto esforço para conhecer o futuro, que desenvolve esta propriedade – que todos temos, mas não chegamos a desenvolver. O que interessa a *Calcarea* é **conhecer** o futuro. Não lhe interessa que no futuro possa haver coisas contingentes, como a *Gelsemium*, mas o **conhecimento**. Invejou o conhecimento de Deus, no sentido de que para Ele, tudo é presente - não há passado nem futuro.

No esforço egotrófico, *Calcarea* chega a ser clarividente: consegue o atributo invejado, conhecer o futuro. Em particular, o que sente que está ameaçado no futuro, é sua **saúde**. Misturam-se a preocupação pelo futuro e pela saúde à necessidade de conhecer para **precar-se**. Isto podemos vê-lo no sintoma “Lê livros de medicina”. Porque quer saber o que possa acontecer com sua saúde.

CALCAREA PHOSPHORICA

Todo medicamento com o componente fosfórico tem o problema do **conhecimento**. A modalidade específica de *Calc-p* é ter invejado ser o **portador da boa nova**, no sentido evangélico. Ele quer levar a boa nova aos outros. Daí o grande tema das “notícias ruins”. Em egotrofia, ele tem o conhecimento bom para levar aos outros. Na Psora Secundária, é o oposto: não tem conhecimentos e, como castigo, vão trazer-lhe más notícias. Não pode acreditar que possam trazer boas notícias, vão chamá-lo para lhe dizer que aconteceu algo ruim. É o temor dos mensageiros antigos: eram decapitados se traziam uma notícia ruim, como se fossem eles os culpados. *Calc-p* quer participar o outro, surpreendê-lo com uma boa notícia, alguma novidade.

É fácil de confundir com *Phosphorus*, que quer iluminar. *Calc-p* não tem a questão da iluminação em si senão **levar** a notícia. Poderia ser um excelente jornalista. É esse tipo de pessoas, a quem não podemos contar nada “porque eu já sabia”.

CALCAREA SULPHURICA

Até agora, o mais chamativo – embora não conheça a origem do problema – é a **desvalorização**. Não é apreciado por ninguém, não é valorizado, não acredita que tenha valor algum. Daria a impressão – não é uma hipótese concluída – que para *Calc-s* os valores humanos são insuficientes; quis ter os valores da Divindade. Por ter desprezado os valores com os quais nós, seres humanos, temos que nos conformar, os perdeu.

CAMPHORA

Hering fala uma coisa insólita: “Todo o progresso de nossa escola depende de que nós, os homeopatas, compreendamos o significado da sintomatologia de *Camphora* e *Opium*”. São exemplos de grandes problemas humanos, que permitem entender a essência do sofrimento humano.

Camphora surge de um acaso. Um homem resultou sensível ao efeito tóxico da cânfora, mas ao mesmo tempo, era um *Camphora* energético, que despertou a sintomatologia patogenética. Quase toda a sintomatologia de maior valor surge do experimentador 73. Trata-se de um homem que recebeu cânfora em doses terapêuticas como tratamento de poluções noturnas. Isto desencadeou-lhe a sintomatologia profunda que fez que Hering declarasse a enorme importância de *Camphora* para a compreensão do problema da enfermidade.

O primeiro que sente o experimentador é que morreu. Duvida: “não é possível que esteja morto se me sinto vivo, estou morto, não estou morto, estou vivo, não estou vivo”. Para ter certeza, arranha-se a pele para ver se sangra, se dói, se está vivo, se tem sensibilidade. E esclarece que todas as sensações não as teve num estado onírico senão que as viveu plenamente consciente. Uma vez que morreu, o primeiro que constata é que, como existe a eternidade, com a morte não acaba tudo, há uma outra coisa, passa para a eternidade. E o que encontra na eternidade? Em primeiro lugar, que Deus existiu, pois se encontra com Suas obras, mas também constata que Deus não está mais, foi embora, e todas Suas obras estão em estado de fria paralisia, estão mortas. Deus foi embora e já não mais anima o mundo, mas já esteve e criou tudo isso. Não só não está Deus, mas que no esqueleto frio da natureza, inerte pela ausência de Deus, não há ninguém. Está sozinho, em solidão total.

O que perdeu *Camphora*? **Toda possibilidade de transcendência**. A transcendência – o impulso de sair de si mesmo - tem três objetos:

- 1- Deus, a transcendência para o Absoluto, que *Camphora* não pode realizar, porque Deus foi embora e deixou-o sem objeto.
- 2- Os demais, que também não pode realizar, porque nesse universo da eternidade está sozinho.
- 3- O mundo, que também não vale a pena, porque o mundo está morto, gelado, não tem sentido algum tentar transcendê-lo.

O outro grande tema de *Camphora* é que se sente o **demônio**: acha que tem que voltar para o inferno pois é o lugar a que realmente pertence; estava jogado no meu divã, como o demônio; sou o demônio. O terceiro grande tema é que se vê obrigado compulsoriamente a **auto-observar-se**, não pode deixar de auto-observar-se, mas esse culto do ego não lhe produz prazer, senão sofrimento. A falta é auto-observar-se, no lugar de transcender. Na mesma transgressão tem seu castigo. Não quis transcender, então perde os objetivos da transcendência. Não querer transcender, por desejar a imanência – encontrar tudo em si mesmo, auto-observar-se, auto contemplar-se.

Isto permite entender a imagem demoníaca: é o pecado de Satã, que quis substituir o Criador. Por isso o Criador já não está, e quem está é ele, *Camphora*, é ele quem é digno de ser estudado, de ser amado, de ser contemplado. O pecado de Satã. Isto explica o que Hering disse. Entender o sofrimento de *Camphora* é entender a origem da enfermidade humana.

É muito difícil identificar o paciente *Camphora*, porque não tem elementos da Psora Secundária. Não há projeções sobre elementos do meio externo. Tudo é Psora Primária ao descoberto, vive toda sua Psora Primária como sua atualidade, como seu mundo real e concreto. Não há símbolos: *Camphora* sofre abertamente sua Psora Primária, e não há máscaras, cascas que analisar para concluir a respeito de sua Psora Primária. É difícil que um paciente fale do problema da transcendência / imanência, os pacientes geralmente falam através de imagens psóricas secundárias e não apresentam a Psora Primária descarnada. Eu tive um só paciente que evoluiu bem – no nível de sua enfermidade psórica - com *Camphora* – além dos casos de colapso - mas prescrevi em segundo nível, por um sintoma objetivo, que agora não lembro.

Pergunta: tenho um paciente que toma *Camphora* há muito tempo, e sofre muito com os sintomas na pele que comprometem sua aparência.

Resposta: Poderia ser analógico da auto-observação que o faz sofrer. Mas o importante é que nossa consideração da sintomatologia de *Camphora* nos permite entender por que Hering falou daquela maneira, a essência do problema do ser humano, suplantar Deus no lugar de transcender. Este é o problema primitivo do diabo, por isso sente-se o diabo.

Pelo **núcleo da justificativa**, não é que eu abandonei a Deus, eu morri, e vi que Deus existiu, mas me abandonou. Então, o único vivo que fica, para que eu dirija minha atenção, sou eu mesmo. É um mundo vazio de outros seres, e esse mundo também não vive, está paralisado. O fato de esta sintomatologia surgir de um só experimentador não tira valor à afirmação de Clarke: os homeopatas que se limitam a utilizar *Camphora* nos casos clínicos de colapso final, em dinamizações baixas e tomadas repetidas, jamais chegarão a compreender que é um medicamento profundo, como se vê quando é prescrito segundo suas mais finas indicações – obviamente, para Clarke, os mentais - em altas dinamizações e dose única.

CARBO VEGETABILIS

Não lembro a hipótese, mas é um dos medicamentos que chamam a atenção, como todos os medicamentos submetidos a um processo de elaboração: na sintomatologia aparece a lembrança da elaboração real da substância. Isto aparece em todos os medicamentos elaborados: o sujeito energeticamente sensível desperta uma sintomatologia que incorpora o procedimento ao que a substância foi submetida.

Para preparar carvão vegetal, a madeira é queimada num local fechado, por isso não queima completamente, pela sufocação, a falta de oxigênio. Isto só já explica todos os sintomas de sufocação, de falta de ar tradicional de *Carb-v*, sua sede de ar. Mas também explica a sintomatologia mental profunda: *Carb-v* não deixou de ser completamente o que era, um pedaço de carvão vegetal é o resto da rama de uma árvore, a árvore pode ser reconhecida, não chegou a ser cinzas. Está num estado de **transição**, a metade do caminho entre a potência e o ato, não abandonou totalmente seu estado anterior nem arribou completamente ao novo estado. É um medicamento de transição. Poderíamos pensar num paciente que diz “Eu queria..., comecei, mas não pude terminar, o deixei porque era difícil, comecei uma outra coisa, mas também não terminei”.

Podemos fazer o estudo comparativo com *Carbo animalis*, que sim é consumido até o fim, não tem o problema do estado transitório, chegou a ser cinzas, algo diferente do que era no início. A digestão significa transformar uma coisa diferente de nós em nossa própria substância. Por isso não é de estranhar que *Carbo-v* tenha problemas digestivos, que não pode chegar à transformação completa. Na egotrofia, acho que procurará demonstrar, de maneira exagerada, que adquire estados superiores novos. Por exemplo, um enfermeiro vai gabar-se de como chegou a ser médico, como passou de um estado de menor categoria para um estado posterior superior.

A dinâmica não é difícil: achamos o sofrimento, a perda de *Carbo-v* – a capacidade de transformação. Isso nos permite imaginar *Carbo-v* egotrófico, quando nega a perda. Será capaz de transformar-se, nunca fica na metade do caminho. Na egotrofia mais estruturada, a segunda etapa da egotrofia, nem precisa adquirir estado novo algum, já está no estado perfeito, não precisa evoluir. Não perdeu a capacidade de transformar-se, não precisa dela, porque já é o que pretendia, está no melhor dos estados. Estes dois estados da egotrofia podem apresentar-se de maneira franca ou mascarada: impondo-se ou enganado os outros. A alterlise também é fácil de deduzir: quer destruir o outro, fazer que sofra do mesmo sofrimento. Na egolise, é incapaz de fazer qualquer coisa, de chegar a nada melhor. Para que o trabalho de superação, sou incapaz, melhor fico onde estou.

CAUSTICUM

Quando paramos o estudo tínhamos concluído que o problema de *Causticum* é a **identificação total com o outro**. Dá a impressão que *Causticum* sente-se o outro, daí sua

compassividade, sua preocupação pelos outros, não tem uma identidade diferente, está totalmente identificado com o outro. Por exemplo, a tosse por simpatia: o outro tosse e ele também vomita quando o outro vomita. É uma identificação absoluta com o outro. Mas não chegamos à origem metafísica. Perdeu sua identidade, sua diferenciação do outro. Na egotrofia, vai procurar mostrar que é diferente, vai tentar negar a perda.

Pergunta: revolucionário?

Resposta: O outro sofre porque os governantes não lhe dão o que devem dar, então *Causticum* torna-se revolucionário, por compaixão pelo povo desprotegido.

Pergunta: na egotrofia?

Resposta: “Sou tão diferente, que não fico confuso com os problemas que confundem os demais, eu forneço-lhes a solução, eu sou quem comanda a revolução, os demais são incapazes de fazê-lo, eu sou diferente.” Estabelece uma clara diferença entre ele e o outro quando luta contra a identificação total.

Pergunta: semelhante a *ALUMINA*?

Resposta: *Alumina* quer **ser o outro**, não sente “como” o outro, mas reconhece no outro virtudes, então o imita.

Pergunta: atributo invejado por *Causticum*?

Resposta: A parte metafísica não foi estudada. Poderíamos pensar que não foi suficiente o amor que Deus tem por ele, quis o amor que Deus tem por Si Mesmo. Mas temos que estudar no Tomismo como Deus ama-Se a Si Mesmo, e após, estudar a sintomatologia.

CHAMOMILLA MATRICARIA (VER PSORINUM)

Chamomilla não pode **cumprir nenhuma função fisiológica** sem sofrimento. Se incluirmos a reparação dentro das funções fisiológicas, também não pode realizá-la sem sofrimento, a cicatrização, tudo lhe provoca dor, a menstruação é um horror. Os transtornos na dentição, um processo que deveria acontecer sem sofrimento, as convulsões, todos os problemas da criança *Chamomilla* na dentição.

A tradução para o problema metafísico, nos leva para uma única palavra: **integridade**. A capacidade necessária para reparar-se, ou para cumprir com o que deve do ponto de vista fisiológico, de maneira perfeita. *Chamomilla* parece ter rejeitado a pouca, ou relativa, integridade que ficou no homem depois da queda. Pretendeu ter o bem absoluto da natureza, chegar à perfeição através de suas próprias forças, não ter que depender de “estar nos braços de Deus”. Daí o problema das crianças para serem embaladas.

Pergunta: Como é na egotrofia? O tema do “respeito”?

Resposta: Partamos da perda. Perdeu a integridade: na egotrofia vai negar a perda da integridade. Demonstrará a perfeição de todas suas funções. Um fisioculturista, talvez, obcecado em demonstrar a perfeição de seu corpo, quão integralmente funciona. No nível superior, ele “é

íntegro”. Estudando o “ser íntegro”, no dicionário encontramos: inteiro, completo, perfeito, exato, reto, imparcial, inatacável, brioso, *pundonoroso*: aqui está o respeito.

Pergunta: na Psora Primária?

Resposta: Não teria sofrimento na realização de suas funções fisiológicas, aconteceriam normalmente, não teria aquela suscetibilidade exagerada para sentir-se não respeitado em sua integridade. Não vai perder o tema da Psora Primária, isso não se perde jamais, nascemos com ela, mas vai vivê-lo de maneira objetiva, sem ter que projetá-lo sobre o meio ambiente.

CHINA OFFICINALIS

Não lembro, só **projetos que não pode realizar**, castelos no ar.

CICUTA VIROSA

Tem um traço essencial que é sentir-se pequeno, não em tamanho, mas em idade. **Sente-se uma criança** e desespera porque vê que **os adultos só fazem besteiras**, das que podem derivar grandes tragédias.

CONIUM MACULATUM

Conium quer **criar como Deus cria: do nada**, no nada. E podemos ver isso nos sintomas.

Na mulher: aborto, sensações que lembram o aborto espontâneo, aberturas estranhas através dos anéis inguinais, sensação de ser cortada e que tiram suas entranhas. Tudo é **extração** dos genitais.

No homem: sensação de castração, sensação de emasculação, sensação que uma faca corta seu pênis até a raiz, e após os testículos. *Conium* não aceita nada do que seja o reservatório da semente. As Amazonas representam perfeitamente este medicamento: a recusa da colaboração na criação de outro, até o ponto em que só admitiam homens uma vez ao ano. E após, os matavam. A lenda conta que se amputavam o seio direito, para poder manejar melhor o arco. E vejam a lateralidade direita do câncer de mama de *Conium*. A atitude inexorável, dura: os tumores são todos duros. Sua essência é esta: criar do nada, sem ter que tirar nada de dentro.

CUPRUM METALLICUM (VER MERCURIUS)

Oscilam entre sintomatologia francamente egotrófica e uma sintomatologia muito curiosa que fala em **humildade**. Suas ilusões são de trabalhos humildes: conserta cadeiras velhas, vende ervas. *Cuprum* sofre pela perda da humildade. O que perdeu? **A paz**, a tranqüilidade, porque quis abarcar mais do que podia. Não cumpriu o ditado de Isaías, “Foge daquilo que te excede”.

É esta temática essencial que aparece nos sonhos e ilusões. Não são coisas grandiosas, grandes projetos. Não, ele conserta cadeiras velhas, é feliz cuidando de sua pequena horta, vendendo alface no mercado. Esta é sua face verdadeira. Isto tem relação com a natureza, no sentido do **abandono do natural** para ocupar-se do artificial. Abandona seu quintal. A sabedoria é voltar para o quintal e cultivar as alfaces, não para vendê-los, mas para comê-los. Uma vaca, tenho

leite, com o excesso faço queijo. Alface, rabanetes, pêsegos. Do que mais preciso? É este o drama de *Cuprum*, querer abarcar esferas além de sua capacidade. Por isso perdeu a paz.

Obviamente, trata-se da **consideração do próprio valor**. Mas tudo depende do momento miasmático. Por exemplo, um dentista me consultou por um problema sério. Tinha sido nomeado para reitor da faculdade, mas recusou. Queriam que representasse o país num organismo internacional, também recusou. Por quê? Por humildade legítima? Não. Ele não queria que lhe tirassem sua tranqüilidade, “Eu prefiro estar em meu consultório, atender meus pacientes, não quero que me embarquem nessas coisas”. Para saber se sua atitude era legítima, perguntei para seus colegas. “Imagine se vai perder a tranqüilidade! É um profissional brilhante, tem todas as condições para ocupar os cargos que lhe ofereceram.” Mas ele, *Cuprum* em egolise, dizia que se aceitasse, iria perder sua tranqüilidade, pois não se sentia capacitado. O conhecimento da dinâmica miasmática permitiu-me detectar esta imagem “em negativo”, o *Cuprum* egolítico.

Pergunta: As câibras? O Parkinson?

Resposta: No nível corporal, tem lesada sua liberdade de ação, a possibilidade de pegar coisas.

CYCLAMEN

Quis ser a **beleza**, ter a beleza em si mesmo. Beleza como perfeição estética. A planta olha-se a si mesma, permanentemente.

DIGITALIS PURPUREA

A hipótese saiu de um sintoma de alto valor: sua **incapacidade para levar adiante seus projetos**. Faz muitos projetos, mas não pode realizá-los. No nível metafísico, é evidente que se rebelou contra um projeto. Qual? O projeto que Deus tem para cada um de nós; utiliza-nos como causas segundas. *Digitalis* não quis aceitar o projeto que Deus tinha para ele, quis fazer seu próprio projeto, por isso não pode realizá-lo.

Pergunta: Qual é a diferença com *China*?

Resposta: Há uma diferença, mas não lembro a hipótese de *China*. A impressão é que *China* faz o projeto, mas fica divagando, não é que ache obstáculos para o cumprimento do projeto. *Digitalis* não pode realizar seus projetos. Perguntei-me, por que o tropismo de *Digitalis* pelo coração? O coração está ligado ao amor. Achei a resposta num dicionário de símbolos bíblicos. Chama-se “duros de coração” às pessoas que se recusaram a cumprir o projeto Divino. E ainda há mais. *Digitalis* tem uma sintomatologia urinária que lembra os sofrimentos por fimose. No dicionário, as pessoas que não cumprem o projeto Divino são chamadas de “homens de coração não circuncidado”.

Pergunta: Mas o projeto de Deus não pode ser o amor?

Resposta: Isto é muito geral. Deus tem um projeto individual para cada um de nós, é para isso que estamos aqui, para realizar uma tarefa que Ele nos delega, como causas segundas. Isso é individual. É a resposta da pergunta “Por que estou aqui?”.

DROSER ROTUNDOPHILA

Foi o primeiro medicamento que prescrevi por sua dinâmica miasmática – e além disso, a primeira vez que experimentei as potências intermediárias. Tratava-se de uma paciente que dizia ser enganada pelos outros, abusavam de sua inocência, ela era muito boa, todos se aproveitavam de sua bondade e inocência, era traída. *Drosera* quer ter a **bondade em si**, a condição da bondade como a tem Deus, não aceita que o homem tem um elemento que o conduz para o mal. Não quis usufruir da bondade Divina. A atitude da paciente, “*Eu sou muito boa, inocente, os outros que são ruins, me enganam, abusam de mim*” correspondia à atitude egotrófica mascarada.

Pergunta: Egolise?

Resposta: Está na sintomatologia: sente a capacidade de ser o maior maligno no mundo – na alterlise – e abandona-se nessa atitude de malignidade, o exato oposto da atitude de bondade que quer demonstrar na egotrofia.

FERRUM METALLICUM

Cheguei a uma síntese da egotrofia. Gostei muito dela e fiquei naquilo mesmo. Identifico *Ferrum* com o lema do escudo chileno: “Pela razão, ou pela força”. De uma maneira ou outra, ele vai cumprir sua vontade.

FLUORIC ACIDUM (VER MAGNESIA SULPHURICA)

Não pode **estabelecer relações afetivas permanentes**. *Fluoric acidum* recusou aceitar que o amor engendra responsabilidade a respeito da pessoa amada. Por isso tem relações passageiras, de uma noite só. Casar-se é estabelecer um relacionamento permanente, uma responsabilidade que não quer assumir.

Pergunta: Na egotrofia?

Resposta: Vi mostrar-se excessivamente responsável em seus deveres matrimoniais, no cuidado da esposa e dos filhos, mas de uma maneira exagerada, grotesca. Sempre, na atitude terciária, há um elemento que permite identificar sua falsidade ou não lhe permite obter a satisfação que achava que conseguiria com ela. Há uma insaciabilidade: colocou-se um objetivo, o obteve, e com ele, a satisfação momentânea. Mas então se coloca um objetivo maior, desespera-se por obtê-lo, consegue, então quer um objetivo maior ainda. Não pode conformar-se com o que consegue, porque é uma defesa errada.

Pergunta: Psora Primária?

Resposta: Sofre por solidão afetiva. No fundo, *Fluoric acidum* está sozinho, não tem afetos, e sofre por isso. Procura compensar, com sua “maneira de *Fluoric acidum*”, sem comprometer-se com a necessidade de aceitar a responsabilidade. Está sempre na rua, à procura de uma mulher para passar a noite, busca acalmar sua solidão.

Pergunta: Nos adolescentes, o “ficar” tornou-se comum.

Resposta: Poderia ser como o caso de *Menyanthes*, medicamento para a rebelião contra o conselho do pai, o medicamento de uma atitude geral. Se for um paciente que faz isto por moda, faremos muitas supressões, mas ajuda no momento. Mas é um similar.

Pergunta: É só no casamento, ou respeito das relações sociais em geral?

Resposta: Não é exclusivo, mas tradicionalmente aparece nas relações matrimoniais. O tema pode surgir de outras maneiras: “Meu pai está velho, tenho que cuidar dele... Vou-me embora!” faço-me indiferente para não sofrer por aquilo. A irresponsabilidade de *Fluoric acidum* é pela consciência subliminar de que estabelecer um laço afetivo é ficar responsável pela pessoa amada. Não é irresponsabilidade a respeito de nenhuma outra questão.

GELSEMIUM SEMPERVIRENS

Temor que o futuro lhe traga algo ruim, temor de receber uma má notícia. Tem um local de afetação seletiva: a **atenção expectante**, a capacidade de aguardar que algo suceda, e prepara-se somaticamente para reagir no caso de se tratar de algo ruim. No nível físico, não pode manejar os elementos normais para estar alerta, não tem a capacidade física para estar pronto para a ação. No nível mental, tudo é ruim, nada do que vai vir pode ser bom, o que piora seu desejo de ter uma atitude expectante, um estado de alerta, de poder reagir. Para ele tudo quanto vai acontecer é ruim, más notícias. Uma surpresa desagradável.

O ser humano tem a necessidade de estar em alerta, Deus, não. Deus conhece o futuro, nada pode surpreendê-Lo. *Gelsemium* acredita que vai acontecer uma coisa determinada, e acontece algo diferente. “É a má sentinela”. Fica dormindo, não pode reagir se o inimigo aparece. Trata-se do atributo da **Providência**, mas com um matiz diferente daquele apresentado por *Calcarea* e *Bryonia*. *Gelsemium* tem o tema de estar em atitude de prevenção a respeito do que possa vir acontecer. *Calcarea*, Deus é providente porque conhece tudo.

Na sua imagem clássica, *Gelsemium* vive com medo de receber uma má notícia. Sempre está pensando que há uma desgraça em seu futuro. E não pode prestar atenção, seus olhos se fecham, é flácido, carece de força muscular, “desliza-se até o fundo do leito”. Tudo isto está em relação com a problemática na **atenção**. Mas não é qualquer atenção, mas a **espera**, a **surpresa**. A espera ativa, a atitude expectante, aparece quando o que se deseja/teme ainda está ausente, mas ele imagina ser iminente. Como a lebre para o caçador à espreita, ou o dia da execução, para o condenado à morte. Esta atenção implica numa atitude preparatória para a ação, uma atitude de **vigilância**.

Gelsemium não pode fazer nada de tudo isto. Perdeu sua capacidade de aguardar, teme que apareça algo diferente do que espera; ser surpreso por algo que não imaginava. E ao mesmo tempo, perdeu toda capacidade para estar alerta, pronto para responder para o objeto que aparece. Eu o sintetizo com a imagem da “**má sentinela**”.

O que invejou? A condição Divina de não ter situações contingentes no futuro. Deus não se equivoca a respeito do que vai acontecer, o que Ele achar é o que acontece. *Gelsemium* não aceita a possibilidade de que apareça um objeto distinto do que aguarda, que é a condição humana da atenção, porque estamos imersos no contingente. Teria que ter aceitado isso. Como não o fez, não quer estar alerta, não quer ter que esperar que as coisas possam ser diferentes. E junto disso, perdeu a contrapartida orgânica: perdeu a capacidade de passar para a ação. Qual é o atributo Divino implicado? Sua providência, com o matiz específico no sentido de que, o futuro podemos nos deparar com coisas diferentes das que achamos. A providência também é o tema de *Calcarea*, mas sob outro ângulo.

GRAPHITES

Preocupação pela **estrutura**, o arquetônico. “Jardins belíssimos”. Na egotrofia, lhe apetece conseguir a estrutura perfeita. Por isso *Graphites* tem tendência para o trabalho manual, que é analógico de “estruturar”. No núcleo do castigo, teme ficar no estado de carvão – grafite – não poder estruturar uma personalidade com uma estrutura perfeita. Fica em sua condição de carbono, quando seu apetite egotrófico o faz querer ser diamante. O carvão tem estrutura amorfa, caótica, desordenada, o diamante tem estrutura perfeita.

Esta analogia tem sua conotação na sintomatologia: insegurança, falta de confiança em si mesmo - não poder sair de sua condição de carvão, que precisa de uma faísca exterior para acender-se. É frio, inerte. O diamante é o oposto – na simbologia. O diamante é, por excelência, o símbolo da limpidez, dureza, luminosidade, perfeição. O topo da maturidade, o acabamento perfeito. Imortalidade. É tudo isto o impedimento em *Graphites*. Fica nos trabalhos manuais por sua tendência pelo estrutural, o arquetônico, mas não pode fazer bem coisa alguma, não consegue terminar de maneira harmoniosa o que quer fazer. Este é seu sofrimento. E podemos vê-lo na simbologia do carvão: por si mesmo, nunca pode chegar a nada, precisa da faísca exterior que o acenda. Invalidado, mas tem suas fantasias egotróficas com palácios perfeitos, jardins de desenho perfeito. Mas na sua vida real, não pode fazer nada de tudo isto. Não pode obter a perfeição arquitetural nem de suas obras por si mesmo.

HEPAR SULPHURIS CALCAREUM

É notável a presença do **fogo**. *Hepar* é preparado **queimando** a flor de enxofre. Mas isto não permite o conhecimento miasmático profundo. O tema de *Hepar* é a **pureza/impureza**. Foi impuro, em seu inconsciente, por isso precisa do fogo para se purificar. A imagem de *Hepar* é a dos predicadores que colocam todo o acento no sexto mandamento, mas um dia descobre-se que

abusaram de crianças escolares. Ou o caso daquele predicador dos Estados Unidos, que obrigava a todas suas secretárias a ter relações sexuais com ele, depois de ter colocado, no sermão, o acento sobre a pureza, o sexto mandamento (não fornicar). Dizia-lhes que se queriam purificar-se, tinham que ter relações com ele, pois era o representante do Senhor.

Hepar perdeu a pureza, a capacidade de ser puro, então procura recuperar isto em seu discurso, mas a impureza o supera, e por isso age como faz. Na sintomatologia vemos o tema da pureza/impureza: furúnculos, pus, supuração. Tudo é porcaria, coisas que impedem a purificação. Pode chegar a ser um incendiário.

Pergunta: A impureza é só sexual?

Resposta: Pode afetar outros aspectos, mas o mais impactante é a concupiscível, o nível sexual. Tem que se procurar “impureza” no dicionário analógico”.

IGNATIA AMARA

Até o momento, se um novo estudo não concluir outra coisa, o tema de *Ignatia* é a sensação de **não ter cumprido seu voto**. Prometeu alguma coisa e falhou.

IODIUM

Na vida de *Iodium* há um **obstáculo**. *Iodium* é um obstaculizado, um travado. Não sabe o que é, mas algo o obstaculiza, algo exterior que não pode superar.

Pergunta: “Come muito e emagrece”?

Resposta: É egotrofia: não há impedimentos [pode comer tudo o que quiser], mas de nada lhe serve.

LACHESIS MUTA

O grande tema é a problemática amorosa. Daqui vêm os ciúmes. Ainda há sua velocidade para associar idéias e sua sensação de animalidade, de ser um animal. Como se explica? A análise dos sintomas faz surgir, imediatamente, a palavra **admiração**. Com nosso estudo, tínhamos chegado ao grande tema do **amor**, mas estudando o amor, aprendemos que o amor não é tal se não existem duas condições: a) achar no amado valores que o façam digno de ser amado; b) deve haver uma proporcionalidade nos valores do amado e de quem se ama. Se não houver esta proporcionalidade, o amor vira admiração.

Nós não podemos “amar” a Deus, em sentido estrito, senão só com “amor admirativo” pois não temos proporcionalidade em aspecto algum com Deus. *Lachesis* procura desesperadamente ser admirado. Isso explica sua velocidade na associação de idéias: sente um orgulho extraordinário, pois desperta a admiração dos outros, que não são capazes de compreender como *Lachesis* pode sintetizar tão rapidamente um processo que para eles exigiu muitíssimo tempo. Dá a impressão

que *Lachesis* rebelou-se contra a incapacidade para amar a Deus, proporcionalmente, contra não ser igual a Deus, não ter os mesmos valores que Deus para amá-Lo, no sentido estrito do amor, e ter que amá-Lo admirativamente.

Há uma quantidade de sintomas que falam desta tentativa por adquirir proporcionalidade com Deus: *Lachesis* sente-se um “escolhido” por Deus, Deus lhe reconhece valores. Não que Deus o admira, mas que reconhece que *Lachesis* tem valores como os Dele, e por isso, o salva de todo o processo de aperfeiçoamento, e o “arrebata”. Deus leva *Lachesis* para o céu, sem que tenha que passar por todo o processo de aperfeiçoamento que o ser humano precisa. O êxtase. *Lachesis* tem o êxtase, o estar fora de si mesmo, é arrebatado.

Como esse é seu pecado, o castigo é o mesmo, e é bem gráfico: não pode ficar [com os braços levantados], que é a posição na qual ascendem até o céu os arrebatados. Se *Lachesis* adotar esta posição, desmaia. Em seu pecado de soberba, sente que seus valores o equiparam com Deus, por isso seu amor é de igual para igual, não há necessidade de admirá-Lo.

Mas num segundo passo, que justifica um outro grande tema, pensa: “Se tenho os mesmos valores que Deus, para que amá-Lo? Vou amar-me a mim mesmo”. Por que sofre por **ciúmes**? Não é pelo mecanismo habitual (perder o amor do outro, que o outro dê seu amor para outra pessoa) senão porque ele traiu Deus no amor. Então está condenado a sofrer por ciúmes. Deus é ciumento, não gosta que Lhe tirem o amor. *Lachesis* tirou-Lhe o amor para dá-lo a si mesmo: sofre os ciúmes que sente a pessoa abandonada. Esta hipótese pode ser vista em *Lachesis* de todos os tipos. Se for inteligente, faz exibição de sua inteligência na associação de idéias. Se não for inteligente, quer ser admirado pelo feijão que faz, “Ninguém faz um feijão como eu!”. E utiliza expressões que magnificam as coisas. Não fala “Eu faço o melhor feijão da cidade” senão “Meu feijão é divino!”. Surge-lhe toda a temática da equiparação de valores com Deus.

Pergunta: Qual é a diferença com *PALLADIUM*?

Resposta: *Palladium* tem esse desejo de reconhecimento, de ser admirado, mas com uma condição singular. Quer que lhe falem que o admiram, embora ela saiba que não é verdade. Gosta da adulação. *Lachesis* não quer ser adulado senão realmente admirado, não se conforma com a adulação.

Pergunta: A admiração de *HAMAMELIS*?

Resposta: Não lembro bem *Hamamelis*, exceto sua necessidade de **respeito**, que é diferente de admiração.

Pergunta: E a veneração, a reverência?

Resposta: Fazer uma reverência¹ é respeitar os outros. No lugar de ser respeitado, está obrigado a respeitar os outros com a reverência.

¹ Reverência, neste contexto, significa “inclinar-se diante de outro”. (NT)

LYCOPODIUM CLAVATUM (ver *Natrium muriaticum*)

A imagem que eu tinha de *Lycopodium* era um estereótipo: o “machão falido”, o macho que perdeu sua virilidade. Mais tarde, um colega de São Sebastião, montou uma hipótese também acima da questão reprodutiva. Trazia um estudo do esporo, da fecundação da planta etc. Mas ficava no ar, uma sintomatologia bem definida na Matéria Médica, que dizia que *Lycopodium*. não é só um reprodutor mas um **pai**: além de reproduzir-se, ocupa-se de educar os filhos, e isto, com uma particularidade. Para *Lycopodium*, o mais importante é o ensino das **normas morais**.

Na egotrofia, é o **educador moral** dos filhos. No sofrimento psórico, duvida de sua capacidade para manejar sua família. Na egolise, abandona os filhos, vai embora de casa. Mas a noção da moral, para o bem ou para o mal, seja para impor a moral e as normas morais, seja o abandono das normas morais, está absolutamente consubstanciada com a essência de *Lycopodium*.

É o clássico relato dos pacientes: “Papai era muito rígido, mas era para que fôssemos pessoas honradas. Morreu de câncer há 5 anos, era rígido, mas para o nosso bem, para fazer de nós pessoas corretas”. Isto é o interesse de *Lycopodium*. Ou pode apresentar o extremo oposto: não liga em absoluto para a moral, não educa os filhos, e termina abandonando-os. No sentido correto, a palavra que define a *Lycopodium* é **pai**, o pai por definição. Não se limita a trazer filhos para o mundo, mas os acompanha, os educa, lhes ensina o caminho. É para se prestar atenção às palavras, porque da noção de moralidade, caminho correto, etc., surge imediatamente a noção de **dignidade**. Por isso é que é tão fácil confundir *Lycopodium* com *Staphisagria*: *Lycopodium* é **moral**: bons costumes, normas. *Staphisagria* é **dignidade**.

MENYANTES

DM

No paciente curado, o tema subsiste, mas sem ser projetado no meio. Diz “Coisa estranha, sinto-me incapaz de trabalhar, mas trabalho perfeitamente, sou reconhecido pela minha eficácia no trabalho. Não sei de onde vem esta idéia”. Neste momento podemos começar a levar nosso paciente para o conhecimento profundo de si mesmo. “Por que tenho esta sensação de inutilidade, se não sou inútil? De minha vida real, não vem, porque sou um trabalhador bem sucedido, tem que vir de um outro lugar, de meu passado metafísico”.

É a maneira de instrumentalizar o que dizia Pascal: a enfermidade como meio para o progresso. Entendo o que a enfermidade quer dizer, a utilizo para conhecer-me no meu inconsciente. Este progresso permitiu-me encarar um **sexto núcleo**, o núcleo da **reconciliação**, de **retificação da falta**. Sintomas que falam para o doente: “Estás num caminho errado, se continuar nele, sofrerás”. Foi em *Menyantes* onde o vi claramente pela primeira vez. *Menyantes* tem um problema – um dos mais profundos e difíceis da Filosofia: Deus **trava nosso livre arbítrio**. Eu quero fazer algo mau, Deus não me permite. Está travando meu livre arbítrio.

Na verdade, Deus não trava nosso livre arbítrio, o que faz é tirar elementos que dificultam o exercício de nosso livre arbítrio, nos facilita o caminho, afasta obstáculos, mas mesmo assim, escolhemos o mau caminho com nosso livre arbítrio. Não há uma intervenção, uma limitação da parte de Deus, o que faz é ajudar-nos. *Menyantes* tem o tema da “tensão”, sente-se sob pressão, que é analógico de sentir-se sob um poder que nos trava, que nos tira a possibilidade de exercer nosso livre arbítrio. Em *Menyantes*, esse sofrimento pela pressão é aliviado, paradoxalmente, pela pressão, e não por qualquer pressão, mas pela pressão da mão. Isto pode ser símbolo da opressão, mas ao mesmo tempo de ajuda, “dar uma mão”.

Este sintoma fala para *Menyantes*: “Pensa, não recuses a ajuda que Deus te dá, o bom caminho é aceitar essa ajuda, não penses que aceitar ajuda é perder o livre arbítrio”. Ainda não posso fazer uma generalização e estabelecer este novo **núcleo de retificação da transgressão**, mas penso que é possível que exista; cada vez vou encontrando-o em maior número de medicamentos. Como dizia Pascal, a enfermidade serve, é uma mensagem, a questão é saber interpretá-la. *Menyantes* poderia ser um bom medicamento para as “crises da adolescência”, “faço o que quero”, e não admite o conselho do pai.

Perguntas: Quais são as características dos sintomas do novo núcleo?

Resposta: Acho que as modalidades de melhora, especialmente quando raras e paradoxais. “Dor ardente que melhora com água quente”, tem que significar alguma coisa. O estudo dos medicamentos à luz do conhecimento miasmático, permite ir para o plano superior, ver qual foi a transgressão e entender quando a sintomatologia está dizendo “Abandona este caminho!”.

MERCURIUS SOLUBILIS

Diz a simbologia: “Sejam quais forem as interpretações históricas do relato do Gênesis, em nada dependem das significações simbólicas ali presentes, ou seja, a leitura simbólica do drama descrito neste capítulo não estuda, a princípio, a existência do elemento, antes lhe dá uma dimensão que supera sua contingência. Se o acontecimento não aconteceu tal como a Bíblia diz, seu simbolismo permanece.

(Autor?) tem extraído os valores simbólicos do antigo relato em “*Les Jours de Caïn*”. Segundo o próprio Gênesis, Caím é o primeiro homem nascido de homem e mulher, o primeiro cultivador (modificador da natureza), o primeiro sacrificador cuja oferenda não agrada a Deus, o primeiro assassino, e o que revela a morte. Jamais, antes de seu fratricídio, havia sido visto o rosto de um homem morto. Caím é o primeiro errante à procura de uma terra fértil e o primeiro construtor de cidades. É também o homem marcado por Deus, para que não o matasse quem o achasse; é o primeiro homem que se afasta da presença de Jeová e anda sem fim para o sol nascente, para novas auroras - o desejo de viajar de *Mercurius*.

A aventura de grandeza sem par, a do homem deixado a si mesmo, assumindo todos os erros da existência e todas as conseqüências de seus atos. Caín é o símbolo da responsabilidade humana. Seu nome significa “possessão”; sua mãe o chama de Caín porque é sua primeira aquisição, o primeiro nascimento humano. De sua parte, Caín cobiça a posse da terra, especialmente, a posse de si mesmo, para poder possuir os demais. “Tu me tivestes sem um querer e com a assistência de Deus”, disse à sua mãe. Compreendeu imediatamente, que ninguém o ajudaria e que só poderia contar com sua própria vontade.

“Saibam vocês que tudo quanto me creditares, o ardor e a grandeza, a força e a obstinação, eu que tive que conquistar”. Quis acrescentar à terra o fruto do trabalho do homem, para ser verdadeiramente seu dono. Sonhou reconciliar a terra com Deus, quis construir uma cidade que manifestasse, melhor ainda que a terra cultivada, a obra do homem. Via a cidade como uma outra tarefa, uma outra trilha, um levantamento da terra para fora de si mesma, sua elevação vertical, à imagem do homem, pela qual o homem estabelecia sua própria realeza. “Seus muros circunscreviam o espaço aonde nada aguardava eu de Deus”. A cidade, prolegômeno de todo ateísmo futuro. A Deus não Lhe agradava os sacrifícios do cultivador e sonhador de cidades. Por quê? Caín não podia aceitar ser o mal querido por Deus: “Estaria disposto a renunciar a tudo se Ele tivesse me aceito de antemão, por pouco amável que fosse, é de tal importância o quanto importava para eu ser amado. No final das contas, nada teria Lhe custado me agradar. Rejeitado, me endureci na provocação, enquanto que um olhar Dele teria me enternecido.”

O pecado de *Mercurius* foi pretender que Deus o amasse por seus valores próprios, quando todos os valores humanos são dados por Deus. Caín não admitiu isso, por isso, procurou modificar a natureza, fazer cidades – melhores que a terra dada por Deus. Por isso Deus recusou seu sacrifício. Daí vem seu rancor por Abel, quem tinha aceitado o dito por Deus, tomava conta de suas ovelhinhas e não pretendia ser superior a Deus, como Caín.

Pergunta: Diagnóstico diferencial com *Cuprum*

Resposta: *Cuprum* acha a paz na aceitação da natureza, mas como expressão de humildade. O simples fato de aceitar o natural, o leva para a felicidade. Caín critica a perfeição, a bondade do realizado por Deus. *Cuprum* só se propõe a algo maior que o que Lhe corresponde. *Cuprum* não obedeceu à ordem de Isaías: “Foge daquilo que te excede”. Mas não tem, como *Mercurius*, a soberba de dizer “Eu sou capaz de fazer as coisas melhor que Deus”. *Cuprum* diz “Não me conformo com este trabalho humilde, cultivar ervas, quero fazer algo maior”. Não se trata que as ervas sejam um erro de Deus, senão que ele quer ultrapassar aquilo. Caín critica a obra de Deus, “isto está mal, vou fazer uma revolução, vou quebrar as normas, vou dar à humanidade algo melhor que o que Deus Lhe deu. No lugar do campo, vou dar-Lhe a cidade”.

Mercurius critica a perfeição da criação de Deus. “Há em mim uma potência suficiente para criar algo melhor, modificar a natureza.” Por isso é cultivador. Abel é pastor, cuida das ovelhinhas.

Caín, não, “Aqui, onde cresce a erva espontaneamente, eu vou fazer uma cultura que faça crescer uma erva melhor”. A história da humanidade atual! A modificação, a rebelião contra aceitar a natureza tal como Deus nos deu.

Pergunta: Os deslocamentos de *Mercurius*? Não se sentir em seu ambiente?

Resposta: Não tem um lugar próprio, todos o perseguem para matá-lo. No lugar de reconhecer que Deus lhe colocou um sinal para protegê-lo, acha que o sinal serve para dizer para todos “Aqui está Caín, matem-no”. Deus o tinha marcado para dizer “Aqui está o coitado do Caín, não toquem nele, já tem bastante em ter que viver sua própria vida”.

Pergunta: “deslocado” não é o mesmo que “perseguido”.

Resposta: Não, mas, além disso, é perseguido. Não tem um lugar onde ficar em paz. Aliás, segundo a hipótese, sem pode aceitar lugar algum como bom, porque todos os lugares foram feitos por Deus, nenhum deles é perfeito para ficar, para integrar-se lá, de uma maneira harmoniosa. Então, sente-se deslocado.

Pergunta: Extremamente criativo.

Resposta: É claro, está permanentemente inventando algo melhor que o feito por Deus, tem que criar algo diferente, novo, melhor.

Pergunta: Criatividade a respeito da área científica, idéias, onde é mais freqüente a criatividade de *Mercurius*?

Resposta: Fundamentalmente, a respeito do *habitat* natural, o meio natural, a natureza. Por exemplo, uma represa hidrelétrica.

NAJA TRIPUDIANS

A rebelião de Naja é não aceitar a **contingência** (incerteza), não aceitar que o que fazemos pode ser bom, mas também pode ser mau. *Naja* recusou o contingente, o que não depende de nossa vontade. O homem está submerso na contingência, o que faz pode resultar em bom ou mau, não há uma certeza de bondade no que faz. A contingência é o que foge a nossa capacidade.

Como explicam as escolas existencialistas, a **contingência** é um dos grandes elementos da angústia existencial, o saber-nos contingentes, não termos o poder de prever tudo, de modificar tudo de modo a não chegar ao que não queremos. Contingente quer dizer que pode acontecer ou não, eventual, incerto. Pode ser ou não ser. *Naja* quer a certeza que Deus tem a respeito do que vai acontecer. O ser humano não sabe o que pode acontecer, pode acontecer ou não. Em Deus não há contingência, tudo é necessário.

Pergunta: Anos atrás, ficou que o matiz na egotrofia era querer ser imprescindível, sintoma exclusivo na Matéria Médica.

Resposta: É que na egotrofia, ela resolve a contingência do outro. Mostra uma segurança no sentido que para ela não há incertezas.

Pergunta: Psora Primária?

Resposta: Qualquer coisa que decidir pode não acontecer, por algo que foge de seu controle.

Pergunta: Egolise?

Resposta: Aceita que não pode fazer nada, condenada a que lhe aconteça o ruim, não tem certeza de nada, e aceita esta situação. Não pode ter otimismo em nada, porque a contingência vai frustrar toda planificação.

NATRIUM CARBONICUM

Um só grande tema: **não está bem em lugar nenhum, nem consigo mesmo**. Em seu *habitat*, fora de seu *habitat*; nas tormentas, no ar livre, não está bem com nada. Imediatamente surge a palavra: está em **desarmonia com tudo**. Ao surgir a palavra “harmonia”, vi o tema da música. Sofre pela música porque coloca em primeiro plano seu sofrimento pela desarmonia. E especificamente, sofre pela música do piano. O piano é o instrumento mais difícil de afinar, de harmonizar perfeitamente. Aparecem diversos termos, analógicos de harmonia/desarmonia: vibração, oscilação, trino. “Tristeza quando comete erros na dieta”. Desarmonia com sua alimentação. “Falta de elegância”: elegância é analógico de harmonia.

A substância cristaliza em cristais octogonais: o 8 é o símbolo da harmonia cósmica, o equilíbrio universal. Suas propriedades físico-químicas são de ser uma substância “buffer”, reguladora ou tampão: permitir que se misturem duas substâncias que não se podem misturar. Por harmonia no que era desarmônico. Numa palavra, *Natrium carbonicum* é a enfermidade da desarmonia. Ou sofre pela desarmonia, pois acredita que nunca vai poder relacionar-se, ou quer impor a harmonia, na egotrofia, e será a típica pessoa que opina quando ninguém lhe pergunta.

A palavra-resumo é o “gênio” do medicamento. *Natrium carbonicum* = harmonia. Na egotrofia, excessivo sentimento de poder levar harmonia para tudo. Na egolise, desespera de poder conseguir a harmonia alguma vez. Na alterlise, procura que os outros sofram por desarmonia.

NATRIUM MURIATICUM

O primeiro que ressalta, é o desejo de **independência do poder de Deus**. Mas isto é muito geral. O desejo de independência de Deus está em todos os medicamentos. Independência no quê? *Natrium muriaticum* não quer depender do **poder conservador de Deus**, ou seja, quer poder conservar-se na existência por si mesmo. No Dicionário de “Sensações Como Se”, de Roberts, aparecem sensações: como golpeado, como se recebesse um golpe no rosto, tendo uma carga sobre os ombros, correntes nos pés, estar numa cadeia. Todas sensações que nos dão a imagem de um **escravo**.

É o medicamento da “idische mame”, a mãe judia, “Se você não comer, eu morro”. Na egotrofia, *Natrium muriaticum* sabe o que é o melhor para comer. “Não bota tanta pimenta! Melhor, coma um iogurte”. “Cuidado! Presta atenção ao subir no avião, você pode escorregar!”. Procura

conservar o outro e a si mesmo. Como me conservo? Comendo bem, nutrindo-me. Por isso o alimento é tão importante em *Natrium muriaticum*.

Pergunta: A decepção amorosa?

Resposta: Seria o contrário de *Fluoric acidum*. *Natrium muriaticum* está em dependência do afeto que lhe brindam, como se fosse alimento. Mas rebela-se contra isso, para não cair na escravidão. Depende do amor do outro para poder viver: não gosta disso. Daí suas dificuldades para estabelecer relações afetivas profundas. E quando as estabelece, é às custas de tanto esforço, que quando se cortam, é uma tragédia.

E o sal serve para conservar. Ou também, para não deixar crescer, não deixar nutrir. Os antigos romanos, depois de arrasar uma cidade, jogavam sal, para que nada voltasse a crescer. Os dois pólos de *Natrium muriaticum*.

Pergunta: Sodoma?

Resposta: É a história da mulher de Lot, que virou estátua de sal. Não podia desprender-se de sua cidade, onde se sentia integrada. Por isso, a pesar da proibição, vira-se nostalgicamente para olhar sua cidade.

Pergunta: Difícil ver a imagem do escravo, e também a questão da independência.

Resposta: Não precisar de alguém que o proteja e o cuide, ele pode fazer isto sozinho, rebela-se contra a conservação de Deus. Não pode aceitar sentir-se escravizado por Deus, porque é Deus quem me mantém com vida. *Natrium muriaticum* não quer relacionamentos com seus iguais, procura subordinados de menor valor aos quais pode conservar. Ele é quem protege, quem conserva.

Pergunta: Neste aspecto parece *LYCOPODIUM*.

Resposta: O problema é que nos ensinaram uma só imagem de *Natrium muriaticum*, a imagem ego ou alterlítica, ou da passagem da Psora Secundária para a egolise. Nunca nos ensinaram o *Natrium muriaticum* egotrófico, que é um ditador, para que todos obedeçam às suas indicações para manter-se com vida, da melhor maneira possível. Em *Lycopodium*, o objetivo de ser ditador é que as pessoas andem pelo caminho reto.

NUX VOMICA

Tem a sensação de ter **o conhecimento do que é certo e do que não é certo**, que geralmente confundimos com o tema "justiça". *Nux vomica* tem um problema com a justiça, porque por trás dela está saber o que é correto e incorreto, com a sensação de ter o papel de protagonista. Ele sabe o que é certo e o que não é, por isso pode solucionar todos os problemas da humanidade, pois a humanidade não sabe o que é certo e não certo. Poderia ser o remédio do Che Guevara. Acho que ele via que a humanidade sofria de coisas, e como ele possuía o conhecimento do certo e do errado,

poderia brindar este conhecimento para solucionar os problemas. O atributo Divino é a sabedoria, no sentido de ter o conhecimento certo do que está bem e do que está mal.

OLEANDER

Pergunta: Qual é a diferença da “beleza” em *Cyclamen* e *Oleander*?

Resposta: Em *Oleander* trata-se mais da **contemplação** da beleza exterior e não a beleza em si mesma. Há o caso de uma égua de corridas, na Itália. Tinha uma artrose severa nos membros posteriores. O cuidador falou para o veterinário que, sim, tinha notado algumas “manias”. “Tem dias que entra tranqüilamente em seu box, mas outros dias não há como fazê-la entrar. Achei tão chamativo, que prestei mais atenção, e vi que não queria entrar no box quando estava sujo.

Também acontecia que, algumas vezes, largava normalmente na corrida, mas, outras vezes, ficava como louca, recusava-se a entrar na fileira. Percebi que isto acontecia quando o cavalo vizinho estava sujo e mal escovado”. Foi prescrito *Oleander* e curou tanto da artrose quanto da mania da limpeza e da sujeira.

OPIUM

Opium **não projeta sobre o meio ambiente**. Porque **está absolutamente certo da existência do Paraíso**, tanto que diz que, todas as noites, volta para o Paraíso, onde acha a bem-aventurança, a beatitude. Durante o dia, desenha mapas do Paraíso. Para ele, o Paraíso é um lugar bem concreto, que pode ser desenhado. A certeza da existência do Paraíso, com a possibilidade de achar nele a beatitude, faz-no considerar todos os problemas deste mundo com uma tranqüila indiferença. É “maya”, ilusão. Por isso não é de surpreender que milhares de pessoas procurem a calma no Paraíso que lhes oferece o ópio, daí que se fale nos “paraísos do ópio”. O opiómano procura abandonar as coisas desagradáveis desta terra, voltar para o Paraíso e encontrar a beatitude.

Dá a impressão que Hering viu em *Camphora* a Psora Primária e em *Opium*, o problema da projeção da Psora Primária sobre o meio ambiente. *Opium* não projeta no meio: volta para o Paraíso, onde encontra a verdadeira calma. A maioria dos experimentadores é intoxicada. Constitui um dos exemplos mais significativos de que, mesmo através das propriedades farmacológicas ou tóxicas, o medicamento – ainda em sujeitos não energeticamente sensíveis – nos diz “Cuidado! É um engano sofrer pelas coisas deste mundo, a Psora Secundária, a projeção sobre o meio concreto”.

Pergunta: Como é a Psora Terciária?

Resposta: Não a mostra, mas podemos deduzi-la. *Opium*, em egotrofia, vai negar que o meio tenha a capacidade de fazê-lo sofrer, nada o atinge, está em outro plano, o concreto e real não lhe provocam sofrimento algum. Na lise, vai tentar que os outros sofram, fazendo-os cientes de coisas do meio afastadas do ideal.

PALLADIUM (VER *LACHESIS*)

Está muito bem descrito na Matéria Médica de Margaret Tyler: *Palas Atenea* rodeada por seus súditos. *Palladium* quer ser reverenciado, um pouco como *Lachesis*. Mas seu desejo de ser **reconhecido** é tal, que não lhe interessa que mintam para ele: ele quer a adulação. Sabe que estão mentindo para ele, mas ele quer receber essas amostras de reconhecimento, o fazem sentir-se feliz.

PHOSPHORUS (VER CALCAREA PHOSPHORICA)

Tem a problemática do **conhecimento**. Invejou o Espírito Santo, quis ser a essência do conhecimento, a luz. O tema de *Phosphorus* é a **iluminação**. *Phosphorus* não aceita que a forma mais elevada do conhecimento humano seja a intuição, aonde intervém a iluminação que Deus dá. Deus ensina-nos coisas de maneira direta, que por nossos meio levaria muito tempo para obter, ou nunca poderíamos obter. *Phosphorus* quis ser “O” conhecimento. O conhecimento é analógico de “luz”, e “luz” de “fogo”. Em seu anseio por iluminar, *Phosphorus* se queima. E aí temos a outra imagem, o *Phosphorus* consumido, queimado. Em contraste do calor anterior, impacta-se pelo frio. E então seu diagnóstico diferencial é *Sepia*.

Sepia e *Phosphorus* têm os mesmos sintomas no repertório: desejo de picantes, friorento, medo das tormentas. A repertorização não permite o diagnóstico diferencial. Antes de apagar-se, de consumir-se, de dizer “não, não posso iluminar ninguém, então me apago”, enquanto luta por ter a luz, o calor, a chama, sem necessidade de uma hipótese metodológica, temos *Phosphorus* na imagem do palito: acende imediatamente, queima, é muito oscilante, em perigo de ser apagado por uma causa externa – daí seu medo da morte. Tem captação extra-sensorial: a chama, num campo eletromagnético, oscila. Não precisa de iluminação, ele já está iluminado, por isso capta coisas que os não *Phosphorus* não podem captar. Já tem a luz, já tem o conhecimento. O fogo é analógico de vida, amor. Daí todos os sintomas clássicos de *Phosphorus*.

Pergunta: Um *Phosphorus* de baixo nível cultural?

Resposta: Vai ter uma sensibilidade para outras coisas. Quantos *Phosphorus* não são bruxos, bruxos de verdade!

Pergunta: Conhecimento do desconhecido?

Resposta: O desconhecido deve ser diferenciado. Há o absolutamente desconhecido, que por nossas propriedades sensíveis ou intelectuais, jamais poderemos conhecer, e aquelas coisas que certas pessoas podem chegar a conhecer, e que a maioria das pessoas não pode conhecer, porque carece daquelas capacidades. Há mistérios que Deus revela para aquelas pessoas que não têm a capacidade para conhecer, mas que outras pessoas, com determinadas condições, podem conhecer por si mesmas. Daí que temos uma revelação de tipo absoluto, quando Deus revela mistérios que nem a sensibilidade nem a inteligência podem chegar a conhecer jamais.

Como resumo, para ajudar no diagnóstico diferencial, *Phosphorus* é “o “conhecimento daquilo que está ao seu alcance””. Conhecimento intuitivo. E é apaixonado, porque leva em si a chama da luz do conhecimento.

Pergunta: Psora Secundária?

Resposta: medo de apagar-se, que apaguem sua chama. Sente a chama tão lábil, capta tantas coisas que mexem com ele, que teme permanentemente perder esse fogo, essa chama, perder a vida.

PLATINA

Pergunta: Qual a diferença com *Platina*?

Resposta: O matiz. O tema de *Platina* é a **origem**. Recusou o ser produzida, criada por outro, quis existir per se. A imagem feminina de *Platina* é clara, mas não podemos ficar com o absurdo de que há medicamentos femininos e medicamentos masculinos. Como é *Platina* – homem? O conhecimento adquirido através de nossa metodologia dá a imagem da *Platina* feminina.

A imagem mais clara de *Platina* está, na simbologia, na estória de “Lilith”, a primeira esposa de Adão. Não foi feita da costela, mas como Adão, do barro. Por isso recusou submeter-se a Adão. E seu castigo foi perder a condição de esposa de Adão, para ser a mulher do demônio e morar nos abismos, da onde surge para mortificar os casais felizes, seduz o marido para castigar a esposa. No homem, também a temática tem que ser a origem, só que referida a Deus: negou que sua origem seja ser um produto de Deus, senão que, como Deus, existe desde sempre. Por isso, não tem que estar submetido a Deus, é Seu igual, porque sua origem é a mesma.

Na simbologia há outro elemento que completa a imagem: as **Lámias**, seres que também procuram perturbar a relação entre casais. “Seres fabulosos que os gregos evocavam para assustar às crianças. A bela Lámia era amada por Zeus, cuja esposa, Hera, ficou com ciúmes e matou todos seus filhos. Lámia refugiou-se numa caverna, e ciumenta das outras mães, persegue seus filhos para devorá-los. É o símbolo dos ciúmes da mulher sem filhos. Nunca pode dormir, sempre está à espreita. Por piedade, Zeus deu-lhe o privilégio de poder tirar e colocar os olhos à vontade. Desde então, pode dormir, mas só pela embriaguez ou tirando os olhos. Cruel imagem da uma mulher invejosa. As Lámias eram monstros femininos que buscam jovens para sugar-lhes o sangue, análogas ao vampiro ou o bicho – papão. A Lámia é um monstro quimérico, com rosto de mulher bela e corpo de dragão ou mulheres belas com corpo de cobra; alguns as definem como feiticeiras, outros como monstros malignos. Carecem da faculdade da fala, mas assobiavam melodiosamente. Nos desertos, atraíam os viajeros para devorá-los. Há a história de uma Lámia que assumiu forma humana e seduziu um jovem filósofo, levando-o para seu palácio em Corinto... a chamou pelo nome, e desapareceram Lámia e palácio...” Há muito mais sobre as Lámias, tudo denotando uma atitude existencial muito semelhante à de *Platina*.

PSORINUM

Pergunta: Qual a diferença da integridade de *Chamomilla* com a integridade em *Psorinum*?

Resposta: Em *Chamomilla*, o problema é a fisiologia, não pode cumpri-la sem sofrimento. *Psorinum* tem que aceitar **um mal menor para poder viver muito tempo**. Para viver muito, tem que aceitar ter piolhos ou parasitas. Se aceitar, nada lhe acontece: tosse de 25 anos de evolução, blenorragia de 12 anos. Mas tem que aceitar este pagamento para viver.

Psorinum tem três grandes temas:

1- Aceitar que a *vis medicatrix* – cuja função é proteger a vida - é **incompleta**. *Psorinum* tem terror à morte, constante perigo de morte iminente. Só resolve isto, aceitando a tosse, os parasitas, a blenorragia de 12 anos.

Como valorização da *vis medicatrix*, quando *Psorinum* é suprimido, é raro que que faça enfermidades graves, mas segue a ordem descrita por Hahnemann: supressão dos parasitas, erupção na pele; supressão da erupção, localização articular; de lá, para os ossos. Sempre afeta a “estrutura” do corpo, são poucos os casos de afetação de órgãos que coloque sua vida em perigo. Isso por sua capacidade idiossincrásica de manter sua patologia nos níveis superficiais. Mas nunca chega à cura completa.

2- A **sujeira** – na qual podemos acrescentar os parasitos. Tendência para a “plica polonesa”, doença onde os cabelos se grudam. Não pode tirar seu cheiro de sujeira, a oleosidade (análogo de sujeira).

3- A **perda do pensamento**: obnubilação, escurecimento dos pensamentos, não pode pensar, os pensamentos desaparecem, se apagam.

No Tomismo, estes três grandes temas correspondem às três grandes conseqüências do pecado original:

1- Perdeu a integridade, não pode levar sua natureza a seu bem esplendente, que é possível alcançar com a graça de Deus. Ficou na metade do caminho: blenorragia para poder viver, piolhos, tosse de 25 anos.

2- S. Tomás escreve, literalmente, a “mancha” que caiu sobre a humanidade, como uma das conseqüências do pecado, a humanidade não pode chegar ao bem esplendente.

3- E certa obnubilação de sua capacidade intelectual.

O que desprezou *Psorinum*? Em primeiro lugar, a vida em si mesma. O que invejou? Por que perde a capacidade para pensar? Porque a eternidade de Deus deriva de que tem a inteligência sempre em ato. É isto o que invejou *Psorinum*, ter a inteligência em ato permanente. Por isso perdeu a capacidade para pensar. Invejou a condição de eternidade de Deus, não se conformou com a condição humana de imortalidade, pela vigência da noção do tempo. Há noção de tempo na imortalidade, não há na eternidade. *Psorinum* quis a condição de eternidade de Deus.

Neste medicamento aparece o tema do “pêssego”. Símbolo da eternidade na cultura chinesa. Nos arquivos de Stapf, está descrito “sonho com antropofagia”. Na simbologia, a antropofagia significa adquirir a vitalidade, a energia, a coragem do inimigo. Mais uma vez o tema da vitalidade. Eu acho que as aulas de Matéria Médica deveriam começar por este medicamento, como exemplo, ou confirmação da doutrina. Digo que *Psorinum* é o primeiro medicamento a estudar, porque serve para mostrar a doutrina hahnemanniana a respeito da enfermidade humana. Hahnemann estabeleceu que a primeira manifestação somática da humanidade caída é uma erupção cutânea de tipo sarna. E a patogenesia deste medicamento traz as consequências diretas do pecado original.

PULSATILLA NIGRICANS

Tem o problema do **abandono afetivo**. Na primeira época no meu estudo sobre o pecado original, eu considerava muito o núcleo do **momento histórico**. Ou seja, tendo agrupado os temas, procurava o que era o predominante do medicamento, e buscava em qual momento da história de Adão e Eva aparecia esta personagem. *Pulsatilla* parecia aparecer naquele momento quando Adão ficou dormido, e Eva aproveitou-se. A imagem do homem dormido é a imagem de uma criança, indefesa. No lugar de ficar cuidando dele, foi pecar com o demônio. Então, *Pulsatilla* arrasta este sofrimento. Na egotrofia, nega ser uma abandonadora e é super-protetora.

RHUS TOXICODENDRUM

A condição Divina de ser o **primeiro motor imóvel**. O mover-se e ser movido. Daí toda a temática conhecida. Não pode ficar quieto, como condena de seu desejo de mover e mover-se. Deus move sem Se mover, não recebe movimento de ninguém. *Rhus-t* quis ser o motor imóvel, por isso seu castigo é o movimento perpétuo. Com um matiz: “nunca pode estar sem fazer alguma coisa”. Pois lhe dá uma culpa espantosa.

SEPIA SUCCUS (VER PHOSPHORUS)

Sintomatologia bem marcada de ordem intelectual. Sensação de ter **esquecido coisas que sabia**. Não se trata de que não soubesse: *Sepia* conheceu muitas coisas, mas esqueceu. Esta sintomatologia intelectual é superior à sua tradicional sintomatologia afetiva, pois a justifica. Para poder amar, é necessário conhecer os valores do outro. *Sepia* esqueceu os valores do amado, então não pode amá-lo. E *Sepia* diz “Ele não me conhece”, “Não amo mais meu marido, pois não é mais aquele que eu conhecia”. Sempre a noção de ter esquecido coisas que conhecia. Neste caso, no nível afetivo.

No nível metafísico, “há uma grande injustiça. Deus me ama porque me conhece totalmente, conhece todos meus valores. É fácil amar assim! Mas Ele pretende que eu O ame sem poder conhecê-Lo em Sua totalidade, porque é infinito. Mas Ele me exige este cheque em branco, e que O ame sem conhecê-Lo totalmente, e eu não sei quais são os valores de Deus. Eu só amarei a Deus quando O tiver conhecido tão completamente quanto Ele me conhece a mim, senão, não vou amá-

Lo”. Após, isto se translada à sua relação com o próximo: “Não o amo porque ainda não o conheço”, ou “Deixei de amá-lo porque não era o que eu achava”.

Pergunta: A afetividade?

Resposta: Perde a afetividade pela perda do conhecimento dos valores. Não conheço os valores disto, portanto, não posso desejá-lo, não posso amá-lo. E não é que não conheça: conheceu, mas esqueceu. Tem a noção de que já teve o conhecimento, e que o perdeu. Na época quando conhecia, podia reconhecer valores. Quando esqueceu o conhecimento dos valores, perdeu a afetividade, a coisa não é mais atraente. “Como pude me apaixonar por este homem?! O que foi que vi nele?”

Na egotrofia, vai tentar negar sua perda da afetividade, exibindo uma grande capacidade de amor. Mas sua afetividade é falsa, uma teatralização, não é legítima. “Amo ele porque sou muito afetuosa, embora ele não tenha muitos valores”.

SILICEA TERRA

Chegamos assim, a um conhecimento holístico de todos os mistérios e diferenças aparentes da natureza. Que acontece a *Silicea*? Na egotrofia, se faz de “durão”, mas no fundo é frágil. O sílice já foi um dos minerais mais duros, mas atualmente é friável: fica desfeito tão pronto quanto acharmos seu ponto de clivagem. Talvez seja por isto que tem “medo das pontas”, medo que achem seu plano de clivagem e o separem. Daí vem a sensação de “ser duplo”.

STAPHISAGRIA

Staphisagria tem dois pilares: **dignidade** e **sexualidade**. Mas é uma sexualidade não reprodutiva. Como se explica o drama metafísico de *Staphisagria*? S. Tomás explica que o homem alcança sua máxima dignidade em duas ocasiões: quando se mantém bem diante da idéia da morte, quando a suporta; e quando aceita sua condição de ajudante de Deus na obra criadora. No lugar de achar que isto é pouco, saber-se o ajudante de Deus investe o ser humano com uma dignidade extraordinária.

A sintomatologia diz que *Staphisagria* recusou ser simplesmente este ajudante, ele quer ser o senhor patrão da coisa criadora, não o peão. Então vê a dignidade em tudo: não briga na rua, porque é “indigno de um senhor”, é um “gentleman”, se aborrece com as coisas “shocking”. Porém, sua sexualidade é um desastre. Aqui está a rebelião de *Staphisagria*, por isto foi que perdeu a sensação de dignidade, porque não soube aceitar qual era a fonte de sua dignidade. Perdeu a noção de ser digno, e procura recuperá-la, exagerando sua condição de dignidade.

A imagem estereotipada de *Staphisagria* diz que não deixa que sua cólera expluda. Não deixa que isto aconteça, porque vai passar uma imagem indigna dele... mas senão, cuidem-se de um *Staphisagria* zangado! Não briga com os punhos, prefere um duelo, porque é “coisa de

cavaleiros”, é digno. Um outro medicamento com problemas na questão da Criação, é *Conium*. A diferença é que *Conium* não liga para a dignidade, não enxerga a Criação na dignidade que este ato confere, quando aceitamos ser os colaboradores de Deus.

SULPHUR

Pecado de soberba. *Sulphur* pretendeu que falassem para ele, no lugar de para Deus, aquilo que se fala na missa: “Para Ti, Senhor, toda honra e glória”. *Sulphur* quer honra e glória. Isto justifica um sintoma da clínica: coloca-se medalhas, como se estivesse condecorado. Isto se repete em sua vida cotidiana. Na egotrofia, procura honra e glória. Na egolise, se abandona, não é merecedor de nada, é um sujo, um desordenado.

VERATRUM ALBUM

A hipótese estabelecida tinha-me desconcertado. *Veratrum* tem a necessidade de receber a honra de um outro. Cambaleava a hipótese de querer ser Deus. Em *Veratrum* não só não via aquele querer ser o principal, mas exigia a existência de algo superior a ele, do qual chegavam-lhe as honrarias. Lembrei, então, que [no dogma católico] Deus tem três pessoas, uma das quais é o Filho. Portanto, o que *Veratrum* desprezou é **ser o filho humano de Deus** por aspirar a ser o Seu filho Divino. Mas o sintoma da “coprofagia” parecia quase uma heresia, ao relacioná-lo com Jesus. Não havia explicação pela via lógica. Procurei na simbologia: ritualmente, o coprófago é a pessoa que quer substituir a divindade encarregada de regenerar as forças caídas do homem e seus alimentos. O Redentor!

Pergunta: E o tema da “caça”?

Resposta: O primeiro simbolismo da caça é matar o animal, a destruição da ignorância, das tendências nefastas. O segundo, a procura do animal, rastreando suas pegadas: a busca espiritual. Para Mestre Eckhart, a alma caçando com ardor sua presa, o Redentor... Quer apressar o Redentor!